



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Ciências Sociais e Humanas

Relatório de Estágio Pedagógico
Escola Secundária Frei Heitor Pinto

Francisco Luís Fradique Pires

Relatório para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Júlio Martins

Covilhã, Junho de 2011



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Relatório de Estágio Pedagógico:
Escola Secundária Frei Heitor Pinto

Francisco Luís Fradique Pires

Relatório para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Júlio Martins

AGRADECIMENTOS

Para que a conclusão deste ciclo, que não é apenas de estudos, mas de vida, fosse possível, foram várias as pessoas que com o seu importante contributo deram auxílio e significado a uma conquista por si só bastante especial.

A escola será sobretudo as pessoas que a constituem, e o que estas realizam, e a Escola Secundária Frei Heitor Pinto poderá por isso ser apelidada de especial. Poder-se-iam destacar imensos nomes, desde professores, passando por funcionários e alunos, que edificam uma dinâmica interessante para o ensino e aprendizagem, no entanto a lista terá de ser reduzida. Fica a certeza de que na memória todos terão lugar, e portanto a todos são dirigidos sinceros cumprimentos.

Ao Professor Carlos Elavai Vieira um grande abraço e agradecimento pelos ensinamentos de rigor e profissionalismo, mas sobretudo pela disponibilidade demonstrada para ensinar e ajudar. Figura fundamental no processo que agora se conclui, sempre presente, sempre preocupado. Um exemplo!

Aos colegas de núcleo de estágio, Fábio Sanches e Ana Esteves. Juntos foi certamente bastante mais enriquecedor e motivante, especialmente nos momentos mais críticos. O futuro é incerto, mas com certeza partilharemos muitos mais momentos de felicidade.

Ao Professor João Matoso, pela oportunidade, autonomia e alegria proporcionadas, para além da ajuda prestada. Obrigado!

Aos colegas do Atelier de Escrita Criativa, Professores Ana Monteiro, Jaime Bráz, Maria João Silva, e alunos Laura Silva e Francisco Barata. Ótimo saber que alguém arrisca pensar e fazer diferente! Um privilégio conhecer-vos.

Aos Professores Júlio Martins e Aldo Costa.

Agradecimentos não se devem concluir sem...

Os amigos que gosto de apelidar de família, mas que essencialmente gosto de sentir família. Hugo, Roque, Pedro, Gelson, João... Um abraço forte! Esta é uma prova de que o trabalho e a alegria levam ao triunfo, que se torna bastante mais saboroso quando partilhado convosco. “Malandro não pára...”.

Sem a Marta, pelo sentimento que me ajudou a descobrir e com que me tem ensinado a remendar os mais variados erros. Importante o teu amparo.

Mas sobretudo sem a Natália, por sustentar todo este mundo nos seus ombros e permitir que tudo isto tenha lugar. És um orgulho, e um ídolo. Mãe...

RESUMO

Capítulo 1.

No relatório de Estágio Pedagógico, realizado na Escola Secundária Frei Heitor Pinto - Covilhã durante o ano lectivo 2010/2011, tentaram descrever-se com rigor todas as actividades realizadas numa amostra de 3 turmas de Educação Física, entre Ensino Secundário e Ensino Profissional, onde foram aplicados os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico na tentativa de proporcionar diferentes tipos de ganho aos alunos.

Com ênfase dado às áreas integrantes e avaliadas no Estágio Pedagógico (Actividade Lectiva, Participação na Escola, Relacionamento com a Comunidade), tentou realizar-se para além de um relato das acções desenvolvidas, uma reflexão crítica sobre todos os pontos considerados relevantes dentro das áreas referidas, fundamentando tomadas de decisão e diferentes perspectivas acerca das partes que influenciam a actuação de um Professor.

Foi possível neste processo concluir que o Estágio Pedagógico é uma ferramenta essencial e indispensável para a operacionalização e reformulação de ideias, transformando a acção docente progressivamente com um sentido de procura de melhorias.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico, Actividade Lectiva, Participação na Escola, Relacionamento com a Comunidade.

Capítulo 2.

O presente estudo pretende analisar e estabelecer uma relação entre os motivos que conduzem os jovens à prática desportiva e as atitudes que estes demonstram em contexto desportivo, relacionando-os com o nível de escolaridade. A amostra do estudo foi constituída por 172 alunos (entre o género feminino e masculino), com uma média de idades de $14,73 \pm 1,36$; tendo idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos (amostragem não probabilística de conveniência). Os instrumentos utilizados neste estudo foram numa primeira fase o Questionário de Atitudes no Desporto (QAD), adaptado e validado para a língua portuguesa por Chazisantis, Cruz, Gonçalves, Silva e Lee, e numa segunda fase o Questionário de Motivação para a Actividade Desportiva (QMAD), adaptado para a língua portuguesa por Serpa e Frias. Do cruzamento dos dados recolhidos concluímos que os factores mais relevantes que levam os alunos à prática desportiva são os factores de ordem intrínseca e orientados para a tarefa, motivações que conduzem tendencialmente a adoptar atitudes e valores adequados em contexto desportivo. Verificámos ainda que motivações orientadas para o ego podem levar a concordar com atitudes e valores menos correctos no desporto, como aqueles que se relacionam com a “Batota” e o “Anti-desportivismo”.

Palavras-chave: Motivação, Atitudes, Valores, Educação Física

ABSTRACT

Chapter 1.

In this report of the Teacher Training, held at the school Frei Heitor Pinto - Covilhã during the academic year of 2010/2011, I've tried to accurately describe all the activities performed on a sample of three classes of Physical Education, between Secondary Education and Vocational Education.

With emphasis given to the areas included in Teacher Training (Teaching Activities, Participation in School, Community Relations), I tried to perform beyond an account of action, a critical reflection on all issues that are relevant in the areas I thought before, basing decision-making and share different perspectives about their influence on the behavior of a teacher.

This process allowed concluding that the Teacher Training is an essential and indispensable tool for the operationalization and reformulation of ideas, gradually transforming the teaching action with a sense of looking for improvements.

Keywords: Teacher Training, Teaching Activities, Participation in School, Community Relations.

Chapter 2.

This study aims to examine and establish a relation between the reasons that lead young people to practice sports and the attitudes show in this context, relating them to the level of schooling. The study sample consisted in 172 students (between the female and male) with a mean age of 14.73 ± 1.36 , with ages between 13 and 17 years (non-probability sample of convenience). The instruments used in this study were initially the Attitudes Questionnaire for Sport (AQS), adapted and validated to Portuguese by Chazisarantis, Cruz, Gonçalves, Silva and Lee, and in a second stage the Motivation Questionnaire for Sports Activity (MQSA), adapted to Portuguese by Serpa and Frias. By the crossing of data collected we conclude that the most relevant factors that lead students to practice sport was intrinsic and task-oriented factors, and that motivations tends to lead to adopt attitudes and values appropriate in the context of sport. We also showed that self-oriented motivations can lead to agree less with correct attitudes and values in sport, such as those that relate to "Cheat" and "Anti-Sportmanship".

Keywords: Motivation, Attitudes, Values, Physical Education.

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO 1 - Estágio Pedagógico

1- INTRODUÇÃO_____	1
2- CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA	
2.1- Introdução histórica, oferta educativa actual e caracterização geral da amostra_____	3
2.2- Amostra do Núcleo de Estágio_____	4
2.3- Recursos materiais e estruturais_____	5
3- ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	
3.1- ÁREA 1- Actividade lectiva e sua envolvente_____	6
3.1.1- Normas do Grupo de Educação Física_____	6
3.1.2- Distribuição de instalações e modalidades abordadas_____	8
3.1.3- Estudos, Conteúdos, Planos e Extensões de Unidade Didáctica_____	10
3.1.4- Planos de aula	
3.1.4.1- Planeamento e gestão do tempo da aula_____	13
3.1.4.2- Estratégias, Informação e feedbacks_____	16
3.1.4.3- Clima de aula_____	17
3.1.5- Avaliação_____	18
3.1.6- Direcção de Turma_____	21
3.1.7- Reuniões_____	22
3.2- ÁREA 2 - Participação na escola	
3.2.1- Desporto Escolar_____	24
3.2.2- Clubes_____	25
3.2.3- Actividades do PAA_____	26
3.2.3.1- Quinzena da Saúde e Actividade Física_____	26
3.2.3.2- Heitorizadas_____	27
3.2.3.3- Dinâmicas de Grupo_____	28
3.3- ÁREA 3 - Relação com a comunidade_____	29
4- REFLEXÃO SOBRE O CONTRIBUTO DO ESTÀGIO_____	29
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS_____	30
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____	30

CAPITULO 2 - A relação entre os motivos que levam à Actividade Desportiva e as atitudes adoptadas em contexto desportivo - Análise por nível de escolaridade

1- INTRODUÇÃO_____	32
2- METODOLOGIA	
2.1- Abordagem experimental ao problema_____	34
2.2- Amostra_____	35
2.3- Instrumentos_____	35
2.4- Procedimentos estatísticos_____	36

3-	APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS_____	36
3.1-	Questionário de Atitudes no Desporto (QAD)_____	36
3.2-	Questionário de Motivação para a Actividade Desportiva (QMAD)___	37
4-	DISCUSSÃO DE RESULTADOS_____	39
5-	CONCLUSÕES_____	42
6-	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS_____	43

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	_____	10
----------	-------	----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	_____	9
Tabela 2	_____	10

ÍNDICE DE ESQUEMAS

Esquema 1 _____	11
Esquema 2 _____	12
Esquema 3 _____	15

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXOS - CAPÍTULO 1 (Estágio Pedagógico)

Anexos 1_____	45
Anexos 2_____	52
Anexos 3_____	57

ANEXOS - CAPÍTULO 2 (Seminário de Investigação em Ciências do Desporto) _____	63
--	-----------

CAPÍTULO 1 - ESTÁGIO PEDAGÓGICO

1- INTRODUÇÃO

No âmbito da conclusão do segundo ciclo de estudos em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, surge o Estágio Pedagógico como meio primordial de aplicação e avaliação das ferramentas e competências adquiridas ao longo de todo o processo académico para responder às exigências do Desporto em meio escolar.

Pelas suas características possui um enorme valor dentro do ciclo de estudos e é fundamental para a conclusão bem sucedida do mesmo, no entanto é essencialmente um instrumento que permite uma aprendizagem de importância nuclear para um futuro professor.

“Aprender a ensinar é difícil. Mais ainda nos tempos actuais, em que as exigências da sociedade vão no sentido de uma educação cada vez mais concordante com os processos de mudança que se estão a desenvolver ao nível da cultura, da economia, do trabalho e da tecnologia. Assim, torna-se necessário que os professores se consciencializem da sua importância na construção desta sociedade mutante, de contornos desconhecidos, e de objectivos que se renovam a cada etapa da sua própria evolução.” (Albuquerque, 2003).

Desta afirmação poderemos concluir que não é tarefa pouco árdua evoluir no sentido de ser um bom professor, e poderemos também aproveitar para reforçar a ideia de que a ferramenta do Estágio Pedagógico é um meio essencial na consecução deste objectivo, sobretudo por iniciar um trajecto que se pretende de evolução constante.

Inserido no contexto formal de trabalho, cabe ao estagiário utilizar com critério os conhecimentos adquiridos para a resolução dos problemas associados à docência da disciplina de Educação Física, aperfeiçoando a sua actuação sob orientação do professor colaborante e com a crítica e auxílio dos seus colegas de núcleo de estágio. No Protocolo de Cooperação da Universidade da Beira Interior (UBI) com as escolas é possível perceber que “o Decreto-Lei nº 43/2007 de 22 de Fevereiro (...) valoriza a área de iniciação à prática profissional consagrando-a, em grande parte, à prática de ensino supervisionada, dado constituir o momento privilegiado, e insubstituível, de aprendizagem da mobilização dos conhecimentos, capacidade, competências e atitudes, adquiridas nas outras áreas, na produção, em contexto real, de práticas profissionais adequadas a situações concretas na sala de aula, na escola, e na articulação desta com a comunidade”.

Podendo desta frase deduzir os objectivos e domínios do estágio, referidos mais claramente no Regulamento de Estágio Pedagógico em Educação Física da UBI como sendo o Ensino-Aprendizagem, a Direcção de Turma/Relação com o Meio, o Desporto

Escolar/Intervenção na Escola e a Actividade de carácter Científico-Pedagógico, será importante afirmar que no final deste processo o estagiário deve apresentar um melhor domínio dos diferentes pontos abordados e em que vai intervir, construindo uma base de actuação que permita um posterior desenvolvimento, até porque “(...) parece importante que os docentes adquiram uma grande autodeterminação de pensamento pedagógico, sejam capazes de identificar e praticar os seus próprios modelos de ensino e de ampliar o seu repertório profissional, que estejam predispostos para a apreensão de novos métodos e estratégias docentes.” (Albuquerque, 2003), ou seja, a formação deve tratar “(...) da necessidade de acumular e renovar conhecimentos, ideias e perspectivas.” (Bento, 2008).

Toda esta actuação é integrada no sistema da organização escolar, que o Grupo de Educação Física ajuda a constituir, servindo este último de base à acção docente desenvolvida pelos professores que o constituem, e portanto também dos estagiários que recebe, que ao abrigo do Protocolo de Cooperação devem submeter-se a vários deveres, entre eles a realização de quinze a vinte horas semanais de trabalho na escola.

A relação estabelecida entre as instituições (Universidade e Escola) com base nestes moldes poderá ser bastante proveitosa em inúmeros domínios para ambas as partes envolvidas, sobretudo se os interesses forem alinhados através do diálogo e do debate, resultando num enriquecimento das pessoas e das organizações.

A nível pessoal os meus objectivos relativamente ao Estágio Pedagógico passavam principalmente por enriquecer a minha formação através da aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, com os vários problemas decorrentes desta aplicação e a aprendizagem que a sua resolução significa. A partilha de ideias era também um objectivo fundamental, quer através de debates com o Professor Cooperante e Núcleo de Estágio, em conversa com os restantes colegas, ou também no relacionamento os alunos e funcionários, na tentativa de melhor compreender a complexa realidade educativa.

Este documento é então o resultado de um ano lectivo (2010/2011) de Estágio Pedagógico na Escola Secundária Frei Heitor Pinto - Covilhã, construído com objectivo de relatar e avaliar a diversificada actividade desenvolvida, e de tirar ilações que permitam modificar positivamente o comportamento docente no futuro. Faz parte do trabalho reflexivo essencial à evolução e, abordando de forma crítica todos os assuntos, tem por objectivo constituir-se como um sólido pilar de suporte a uma perspectiva de educação e de vida.

Iniciando pela caracterização geral do meio acolhedor, com ênfase na apresentação da amostra e dos recursos existentes, desenha-se o enquadramento para a posterior exposição e discussão acerca de todas as actividades desenvolvidas, desde a actividade lectiva, até ao Desporto Escolar ou às actividades do Plano Anual de Actividades (PAA).

Percorrendo todas as temáticas associadas às funções desempenhadas ao longo do ano lectivo com rigor e intenção crítica, procuram-se fundamentar tomadas de decisão e processos seguidos, devidamente documentados no dossier de estágio.

Numa fase final importa reflectir acerca das contribuições do Estágio Pedagógico para o percurso formativo, antes de concluir o trabalho apresentando considerações finais de relevo que retirem das experiências vividas o necessário para a continuidade do processo de formação.

Na elaboração deste relatório serão apresentados e relatados todos os factos considerados de mais relevo durante o ano lectivo, procurando descrever com exactidão, para além de fundamentar e criticar, tudo o que significou o Estágio Pedagógico.

2- CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ESCOLA

2.1- Introdução histórica, oferta educativa actual e caracterização geral da amostra

Inserida no grupo de escolas pertencentes à Direcção Regional de Educação do Centro, a Escola Frei Heitor Pinto, na Covilhã, já com mais de 75 anos, tem na sua tradição uma responsabilidade para com a qualidade e o rigor.

Como vem referido no Projecto Educativo de Escola para 2008-2011, “na continuidade do seu longo percurso de 75 anos, a Escola Secundária com 3º ciclo Frei Heitor Pinto tem procurado conciliar, nos últimos anos, a qualidade de ensino que tradicionalmente sempre lhe foi reconhecida com a adesão plena a tudo o que a sociedade moderna trouxe de novo. Nesse sentido, duas preocupações se têm constituído simultaneamente como os seus dois objectivos fundamentais: um, desde sempre existente, o da formação plena dos seus alunos, o elemento primeiro, fundamental, verdadeira razão de ser de qualquer Escola; outro, igualmente fulcral nos tempos que correm, o de uma cada vez maior abertura à / e interligação com a comunidade envolvente.”

Pode constatar-se deste parágrafo que existe uma preocupação em melhorar a qualidade do ensino, promovendo também uma abertura à comunidade que permite que existam trocas em benefício de ambas as partes.

Tendo uma variada oferta educativa, comporta nos diferentes cursos um leque de alunos heterogéneo em termos de objectivos que é distribuído da seguinte forma:

- 182 alunos do 3.º ciclo do Ensino Básico regular (7º, 8º, 9º anos) ;
- 59 alunos dos Cursos de Educação e Formação (8º, 9º anos) ;
- 369 alunos do Ensino Secundário Regular (10º/11º/12º anos) para prosseguimento de estudos a nível superior;

- 70 alunos dos Cursos Profissionais de três anos com direito a um diploma profissional de nível III e com possibilidade de prosseguimento de estudos;
- 21 alunos do Curso Tecnológico de Acção Social.”

Estes alunos podem caracterizar-se a nível socioeconómico da seguinte forma: a nível do Ensino Básico, constatou-se que 64% dos alunos estão inseridos em agregados familiares oriundos das classes baixa ou média baixa; 27% pertencem à classe média e 9% à classe alta e média alta. Relativamente ao Ensino Secundário, 70 % dos alunos estão inseridos em agregados familiares oriundos das classes baixa e média baixa; 23% dos alunos pertence à classe média e 7% às classes alta ou média alta.

O contexto socioeconómico não é teoricamente o mais favorável para um melhor desenvolvimento a nível escolar, no entanto representa um desafio que importa enfrentar com determinação e ambição.

Aliado ao contexto socioeconómico surgem os locais de residência, que levam a que alguns dos alunos (74) tenham viajar durante cerca de uma hora para chegar à escola. 35% dos alunos habitam a mais de 10km da escola. Esta distância em relação ao centro de estudos influencia a rotina dos alunos e deve ser uma variável a ter em conta quando analisamos os comportamentos dos alunos.

Se atentarmos à idade dos alunos que frequentam os diferentes níveis de ensino verificamos que, fora da idade normal para um aluno com um percurso isento de retenções, no Ensino Básico há 10% de alunos com idades entre os 14 e os 16 anos (no 7º), 9% entre os 15 e os 17 anos (no 8º ano), 9% entre os 16 e os 19 (no 9º ano). Relativamente ao Ensino Secundário verifica-se que, no 10º ano, 14% de alunos têm idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos; no 11º- ano, há 10% entre os 18 e os 19 e, no 12º ano, 26% entre os 19 e os 20 anos. Nos Cursos Profissionais, 40% também superam a idade normal de um percurso sem retenções, variando esta entre os 18 e os 20 anos.

Estas são informações relevantes que possibilitam conhecer melhor a dinâmica da escola e quem a frequenta, adequando a actuação ao contexto onde nos inserimos e procurando ir ao encontro das expectativas do aluno para o tentar transformar positivamente.

Existem também na escola vários clubes dinamizados por diferentes professores, clubes estes de participação voluntária e de carácter variado, como sejam o Atelier de Escrita Criativa, a Oficina de Teatro, o Desporto Escolar, o Voluntariado, etc.

2.2- Amostra do Núcleo de Estágio

Da amostra total descrita anteriormente foi da responsabilidade do grupo de estágio acompanhar quatro turmas do 11º de escolaridade, sendo que duas delas se uniam para formar uma única turma de Educação Física. Destas quatro turmas apenas a três delas

leccionámos a disciplina de Educação Física, sendo que a uma acompanhámos na disciplina de Organização e Desenvolvimento Desportivo, do curso tecnológico de Desporto.

O 11º C, com 10 alunos, turma de quem assumimos também a direcção de turma, é pertencente à área das Ciências Socioeconómicas, unindo-se com o 11º D, constituído por 15 alunos pertencentes à área das Letras e Humanidades, para formar uma só turma de Educação Física, com aulas nas terças-feiras das 10:10h até às 11:40h, e nas quintas-feiras das 15:10h até às 16:40h. Podemos caracterizar esta turma, muito brevemente, a partir das informações e vivências adquiridas ao longo do ano lectivo. É uma turma com um historial de aproveitamento razoável à disciplina de Educação Física, assim como à generalidade das disciplinas, apresentando percentagens de retenção relativamente baixas. Em relação a aspectos comportamentais pode ser caracterizada como uma turma sem complicações disciplinares graves, mas com alguns problemas atencionais na sala de aula.

O 11º do curso Profissional de Animação Sócio-Cultural, com apenas 8 alunos, realizava aula com menos frequência, somente nas quintas-feiras das 8:25h até às 9:55h. Era uma turma marcada por alguns casos de retenções, no entanto bastante razoável a nível comportamental e de relações inter-pessoais, assim como de interesse em relação à disciplina.

Por último, o 11º E, com 25 alunos, turma pertencente ao curso tecnológico de Desporto, tinha na sua carga horária dois blocos de 90 minutos da disciplina de Organização e Desenvolvimento Desportivo, nas quartas-feiras das 11:50h até às 13:20h, e nas sextas-feiras das 16:50h até às 18:20h. Era uma turma com bastantes alunos provenientes dos arredores da cidade em que se situa a escola (Fundão, por exemplo), e onde existiam vários casos de retenção, no entanto o clima entre os alunos era muito amigável e proveitoso sobretudo para a realização de tarefas práticas.

2.3- Recursos materiais e estruturais

Para responder às necessidades de todos os alunos que frequentam a escola, oferecendo possibilidades variadas e um conforto que potencie a aprendizagem, a escola dispõem de inúmeras infra-estruturas diferentes:

- Salas de aula: 30
- Sala de professores com bufete: 1
- Sala de trabalho anexa à sala de professores: 1
- Sala dos directores de turma: 1
- Sala do pessoal não docente: 1
- Sala da Associação de Pais: 1
- Sala da Associação de Estudantes: 1
- Gabinete de apoio ao aluno: 1

- Sala de estudo acompanhado: 1
- Biblioteca / Centro de Recursos Educativos: 1
- Bufete de alunos: 1
- Átrios: 4
- Refeitório: 1
- Gabinetes de trabalho: 3
- Laboratórios: 5
- Estufa: 1
- Salas de informática / TIC: 5
- Clube de rádio: 1
- Espaço Ciência: 1
- Laboratório de Matemática: 1

Para a prática desportiva, que diz directamente respeito à disciplina que leccionamos, a escola tem à disposição, suficientemente equipados:

- Ginásios: 2
- Espaços Exteriores: 2
- Balneários: 2

3- ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1- ÁREA 1 - Actividade lectiva e sua envolvente

Partindo de um quadro de referência dinâmico, para dar resposta à complexidade do Mundo e do Homem e às suas necessidades em termos educativos, é imperativo ponderar diversos factores (as partes) que podem influenciar o todo que representa a actividade lectiva.

“É necessário desenvolver a aptidão natural da inteligência humana para situar todas as suas informações num contexto e num conjunto. É necessário ensinar os métodos que permitam apreender as relações mútuas e influências recíprocas entre partes e todo num mundo complexo” (Morin, 2002).

Esta consciência da complexidade não deverá paralisar, mas acentuar a preocupação com a compreensão e adaptação a esta realidade e com as competências a trabalhar dentro da mesma.

Numa tentativa de compreensão das relações dialécticas existentes entre vários processos que conduzem à leccionação, abordamos nos pontos seguintes os que nos parecem mais influentes, relatando as acções desenvolvidas em cada um deles.

3.1.1- Normas do Grupo de Educação Física

Para que melhor possa ser enquadrada a actuação de cada um dos elementos, o grupo de professores das diferentes disciplinas definem um regulamento que, a ser seguido por todos,

tenta agilizar uma forma de trabalhar salutar e responsabilizadora, definindo um rumo coerente que construa uma dinâmica escolar no que diz respeito à disciplina em causa.

O grupo de professores de Educação Física da Escola Secundária Frei Heitor Pinto aprovou um regulamento interno que vigora durante o ano lectivo e que atribui ao professor os seguintes deveres:

- O Professor é responsável pelo local onde decorre a aula, assim como de todos os materiais e equipamentos desportivos, utilizados ou não no decorrer da aula;
- É dever do professor controlar todas as actividades dos alunos;
- Exige-se pontualidade por parte dos professores na entrada das aulas e rigor nas horas de saída;
- Terminar a aula de 90 minutos 5 a 10 minutos antes do toque de saída e a de 45 minutos, 5 minutos antes do toque de saída;
- Informar os funcionários, antes do toque de entrada, sempre que não seja necessário os alunos equiparem-se;
- Providenciar para que o material didáctico, após ter sido utilizado, seja recolocado, de forma correcta, no respectivo lugar, uma vez que, cada professor é responsável pelo material utilizado na sua aula, bem como pela sua arrumação;
- Comunicar ao delegado de instalações e ao funcionário sempre que se verificar qualquer danificação no material didáctico que tenha sido utilizado;
- Dar baixa do material danificado a fim de que se proceda à reparação, substituição ou actualização do inventário;

Para além dos deveres definidos em regulamento, mais medidas foram aprovadas com objectivo de melhorar a qualidade de ensino e a eficiência da utilização dos espaços, factor com influência no planeamento das aulas e nas matérias abordadas.

A utilização dos espaços disponíveis, e os horários, tendo em conta o número de alunos e de turmas existentes, precisam ser racionalizados de forma a não haver cruzamentos de mais de 3 turmas em simultâneo a realizar aula de Educação Física, excepto casos pontuais em que são permitidas 4 turmas. Tal facto deve-se aos motivos abordados anteriormente, mas sobretudo às características das infra-estruturas de prática e de apoio. Os balneários não têm condições para dar resposta positiva a uma maior afluência de alunos do que aquela que foi referida, e os espaços de prática ficam normalmente preenchidos, podendo existir um espaço inutilizado que servirá de apoio quando as condições climatéricas não permitem que a aula se realize em espaço descoberto.

De acordo com as condicionantes existentes, foi opção do grupo abordar modalidades específicas de acordo com o espaço atribuído à turma, novamente devido às características particulares de cada um deles. Esta é uma opção que permite potencializar as melhores valências de cada espaço, rentabilizando conseqüentemente o ensino e construindo um currículo que possibilite ao aluno experienciar um variado leque de modalidades.

A rotação da utilização das instalações é feita por período, sendo levados em conta diversos factores como a oportunidade de todos poderem usufruir dos diferentes espaços, ou as modalidades a ser abordadas por cada turma dos diferentes anos lectivos.

A abordagem das diferentes unidades didácticas tem a duração de um período, perspectiva defendida e aprovada pelo grupo de Educação Física da escola como forma de melhor responder às condicionantes que influenciam a gestão dos espaços e às exigências da disciplina. Os objectivos principais desta forma de trabalho passam por conceder aos alunos o tempo suficiente de prática que se possa traduzir numa aprendizagem que alcance ganhos mais significativos, possibilitando também um trabalho mais aprofundado e, portanto, um maior conhecimento das matérias em causa. Mas esta é uma medida que pretende ainda evitar desperdícios temporais, porque a leccionação de diferentes modalidades poderia exigir uma mudança de espaço, e consequentemente uma rotação mais frequente que afectaria todas as turmas a realizar aula simultaneamente.

Esta é uma perspectiva que me parece bem fundamentada e adequada ao contexto, que responde e se enquadra perante as condicionantes existentes, mas que principalmente pode possibilitar aos alunos evoluções mais relevantes dentro de cada matéria. Aliás, é referido no Plano Nacional de Educação Física que se prevê “(...) que, em cada escola, o grupo de Educação Física e os professores estabeleçam um quadro diferenciado de objectivos, com base na avaliação formativa, peça metodológica fundamental para a adequabilidade dos programas a cada realidade particular.” (PNEF, 2001).

Outra das opções do grupo passa pela não realização dos testes do FitnessGram, por se julgar que o tempo de prática e a intensidade a que os alunos são sujeitos nesse tempo não ser suficiente para obter ganhos significativos nos parâmetros avaliados, o que portanto tornaria a sua aplicação nada rentável e desprovida de sentido. Poderia ser uma forma de recolher dados acerca da população escolar, mas nunca de avaliar os alunos, visto ser opinião do grupo de Educação Física que a avaliação deverá focar os conteúdos abordados na aula com a ponderação adequada ao seu tempo de ensino-aprendizagem.

São estas particularidades, que se muitas das vezes se escondem por detrás da aparência da palavra pormenor, que ajudam a direccionar e a enquadrar a acção do professor dentro da escola, revelando-se, na minha opinião, de importância significativa para o conhecimento do contexto a um nível mais profundo, das relações e sinergias estabelecidas relativamente às diferentes problemáticas que envolvem o ensino.

3.1.2- Distribuição de instalações e modalidades abordadas

Dentro das turmas a que se leccionou a disciplina de Educação Física foi possível abordar ao longo do ano diversas matérias, dentro dos condicionalismos dos espaços definidos na distribuição anual de instalações.

Ao 11º C/D foi atribuído no 1º período o Ginásio 1, para o trabalho da modalidade de Ginástica de Solo e Aparelhos, durante este espaço de tempo todas as aulas foram leccionadas em conjunto pelo Núcleo de Estágio e Professor Cooperante, assumindo cada um dos elementos diferentes funções e responsabilidades dentro da aula. No 2º período, com a rotação dos espaços, ficou atribuído à turma o Ginásio 1 nas sextas-feiras das 15:10h às 16:40h, e o Campo 1 nas terças-feiras das 10:10h às 11:40h. Foram neste período abordadas as modalidades de Voleibol, no Ginásio 1, e Ténis, no Campo 1, tendo também sido introduzida a modalidade de Dança, realizada em espaço alternativo (Ginásio 2) quando as condições climáticas não permitiam a realização da aula em espaço descoberto. Introduziram-se as Danças Tradicionais, o Step, o Slow e o Hip-Hop. As aulas da modalidade de Ténis e Voleibol foram distribuídas pelos estagiários depois de uma primeira abordagem do Professor Cooperante, permitindo observar estratégias a aplicar no trabalho. Já a modalidade de Dança foi leccionada na sua totalidade pelos estagiários, quer de forma conjunta (3 aulas de Danças Tradicionais), quer individualmente (1 aula dos outros estilos, que neste caso foi o Hip Hop). No 3º período, com a distribuição de instalações a ditar apenas a troca do dia em que se podiam utilizar os diferentes espaços atrás referidos, continuou-se o trabalho do Voleibol e do Ténis, cumprindo na realidade com cada modalidade o tempo de prática de um período inteiro. Durante este período as aulas foram totalmente distribuídas e assumidas pelos estagiários, que leccionaram aulas na mesma proporção em cada uma das modalidades.

Tabela 1- Distribuição de espaços e de Unidades Didácticas 11ºC/D

Períodos	Espaço	Unidades Didácticas
1º Período	Ginásio 1	Ginástica
2º Período	Campo 1 - Ginásio 1	Dança - Ténis - Voleibol
3º Período	Ginásio 1 - Campo 1	Voleibol - Ténis

No 11º de Animação Sócio-Cultural, no 1º período, também foi possível usufruir do Ginásio 1, no entanto o regulamento dos cursos profissionais define as matérias a abordar por módulos. Foi assim leccionado no 1º período um dos módulos de Ginástica, assim como um dos módulos de Dança, com Danças Tradicionais. O módulo de Ginástica foi leccionado pelos estagiários em conjunto com o Professor Cooperante, à semelhança do que foi realizado no 11ºC/D, enquanto que o módulo de Danças Tradicionais foi leccionado de forma conjunta apenas pelos estagiários. No 2º período o espaço atribuído à turma foi o Campo 1, onde decorreu um módulo de Desportos Colectivos, com Basquetebol, que se realizou essencialmente no Campo 2, por este se encontrar liberto no horário em causa, mas também nesse período foi leccionado o módulo teórico de Contextos e Saúde. As aulas do módulo de Basquete foram distribuídas pelos estagiários depois de uma primeira abordagem do Professor Cooperante, assim como as aulas do módulo teórico de Contextos e Saúde. No 3º período, ainda com o

Campo 1 atribuído, foi abordado um módulo de Atletismo, com a corrida de estafetas, o lançamento do peso, o salto em comprimento e a corrida de barreiras. As aulas do módulo de Atletismo foram distribuídas por modalidade, assumindo os estagiários e o Professor Cooperante uma modalidade cada um, cabendo-me neste caso a modalidade de salto em comprimento.

Tabela 2 - Distribuição de espaços e de Unidades Didácticas 11º Animação Sócio-Cultural

Períodos	Espaço	Unidades Didácticas
1º Período	Ginásio 1	Ginástica - Dança
2º Período	Campo 1	Basquetebol - Teórico
3º Período	Ginásio 1 - Campo 1	Atletismo

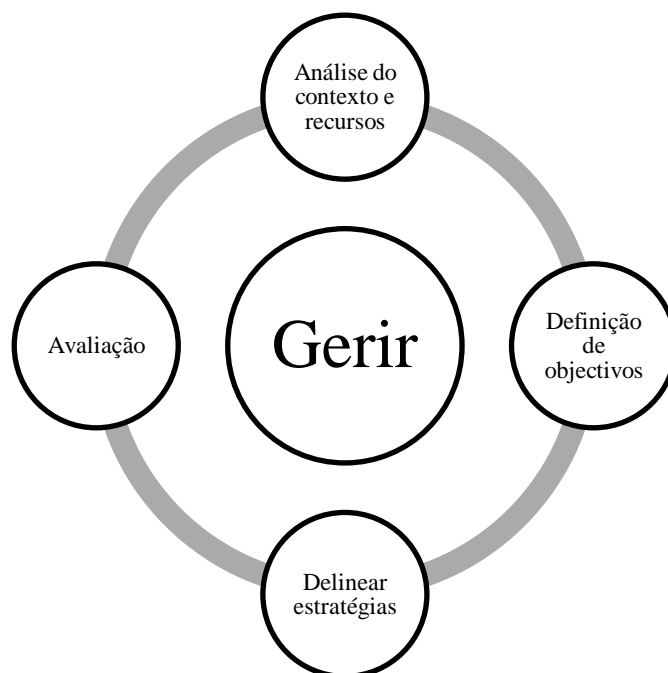


Fig.1 - Campo 1

3.1.3- Estudos, Conteúdos, Planos e Extensões de Unidade Didáctica

O passo seguinte a esta primeira e sucinta análise e reflexão sobre o contexto, um indispensável ponto de partida, é o esboçar do planeamento e programação geral das aulas de acordo com os espaços atribuídos, as matérias a abordar, e os objectivos que se pretendem alcançar. Utilizo o termo esboçar propositadamente, porque apesar de este esboço dever servir de referência, com os devidos objectivos estipulados, poderá (e a maior parte das vezes é) ser alterado de acordo com os mais variados constrangimentos que ocasionalmente surgem, nomeadamente o nível de desenvolvimento dos alunos aferido a partir de avaliações diagnósticas e formativas, que poderá exigir uma alteração a nível de programação e objectivos. Flexibilidade (que não significa falta de rigor) deverá ser a palavra-chave para que consigamos gerir da melhor forma o complexo processo de ensino, adequando-o às necessidades verificadas.

“Gerir é, a partir dos recursos disponíveis e do contexto em que se vive, definir os objectivos desejáveis e exequíveis, estabelecer as estratégias alternativas e escolher destas a mais rentável e operacionalizar o seu desenvolvimento através da criação dos equilíbrios mais favoráveis para a implementar” (Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória, 2008).



Esquema 1 - Uma esquematização do conceito de Gestão

O trabalho realizado pelo Núcleo de Estágio neste aspecto consistiu na construção de vários documentos de apoio à gestão, realizados, sempre, consoante era iniciada uma nova Unidade Didáctica (UD). Para além do estudo completo da UD, fazendo o seu enquadramento na escola e na turma, a definição de objectivos imediatos e mediatos, a definição de competências e a análise dos diferentes conteúdos a abordar através de descrições, componentes críticas, erros mais comuns e progressões pedagógicas, era construída uma grelha com os diferentes conteúdos a leccionar (Anexos 1 - Tabela 1), um plano de UD (Anexos 1 - Tabela 2), e uma extensão e sequência da mesma (Anexos 1 - Tabela 3).

A grelha de conteúdos a leccionar (Anexos 1 - Tabela 1) contém todas as competências, gerais ou específicas, para além dos conteúdos, a transmitir e trabalhar durante a UD, servindo de uma organização de objectivos imediatos que norteiam todo o processo de ensino decorrente.

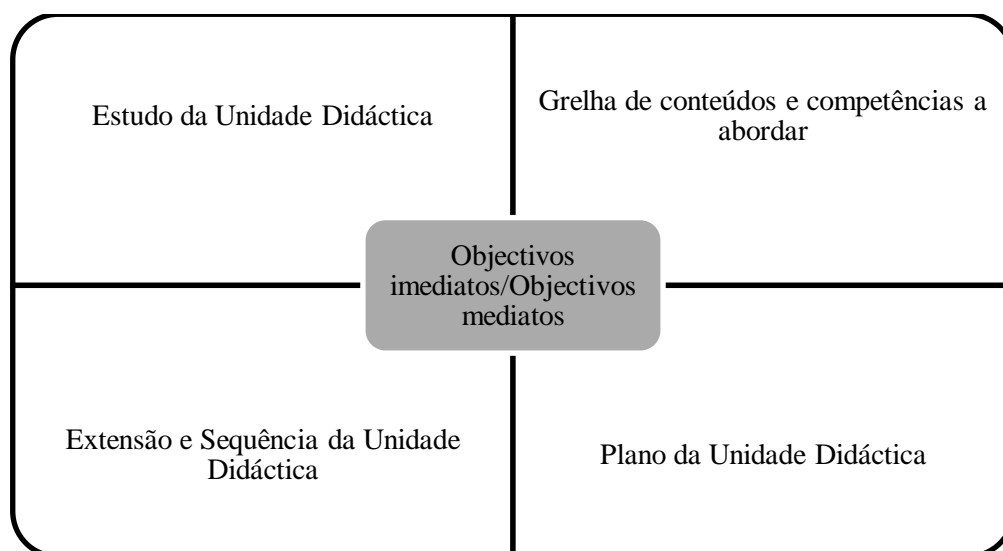
O plano de UD (Anexos 1 - Tabela 2), para além de conter a informação incluída na grelha de conteúdos, acrescenta informação acerca das estratégias predominantemente utilizadas, dos recursos materiais necessários, do número de aulas disponível, e dos tipos de avaliação a realizar, servindo de referência para a construção das extensões e sequências de aprendizagem, e dos planos de aula.

Como pode ter sido percebido, na construção destes documentos apenas são tidos em conta objectivos imediatos, operacionalizados nos conteúdos e competências a adquirir, no entanto este tipo de objectivos só ganha um diferente sentido e significado, alterando a forma como é encarada a actividade desportiva, quando complementados com os objectivos mediatos, “(...)

aqueles que resultam das transformações que resultam da adaptação do desportista às contingências a que é sujeito na prática desportiva (...)” (Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória, 2008). Sendo assim pode afirmar-se que estes documentos poderiam ser complementados com a integração de objectivos mediatos que servissem de pano de fundo a toda uma actuação, definindo competências transdisciplinares que representassem uma mundividência e um esforço de formação repleto de intencionalidade.

Na extensão e sequência da UD (Anexos 1 - Tabela 3) são dispostos os conteúdos a abordar cruzados com as aulas disponíveis para que possamos prospectivar um cenário de ensino provável e exequível. Este cenário, traçado normalmente após a avaliação diagnóstica, pretende orientar o processo de ensino-aprendizagem e predizer o número de aulas que serão dispendidas na Transmissão/Introdução, Exercitação, Consolidação e Avaliação de cada conteúdo. É um documento que sofre constantemente alterações consoante a evolução dos alunos, sendo no final um registo que possibilita reflectir acerca da mesma.

“(…) a escola pode ter realmente o seu papel e a sua intervenção, desenvolvendo capacidades de crítica, de questionamento, de problematização e de avaliação do mundo, da sociedade e dos valores.” (Meireles, 2000). É pela construção destes documentos que pode começar-se a operacionalizar e a sentir com maior proximidade a intervenção da escola nas pessoas que esta pretende educar, e portanto é fulcral encarar a construção destes documentos como de grande relevância, abordando as capacidades supra-citadas.



Esquema 2 - Instrumentos utilizados e a sua relação com a definição de objetivos

Para que se confirme a necessidade de todos estes documentos serem passíveis de sofrer alterações consoante as diferentes necessidades, é dado o exemplo do sucedido no 1º Período com a turma do 11º C/D em relação à modalidade de Ginástica, em que foram adequados os objectivos ao nível de desenvolvimento dos alunos, retirando conteúdos de maior nível de

dificuldade que não deveriam ser abordados sem se encontrarem adquiridos conteúdos e competências básicas que permitissem um desenvolvimento sustentado e seguro. Desta forma, como é óbvio, não foram cumpridos os objectivos do PNEF para o nível em que se supõe que estejam os alunos deste ano de escolaridade relativamente à modalidade abordada, no entanto julgou-se mais relevante promover esta adaptação, indo de encontro ao princípio da progressividade e tendo em conta os aspectos de segurança.

Como este exemplo, mais situações se verificaram ao longo do ano que justificaram a alteração dos documentos, nomeadamente a redução do número de aulas devido a feriados, visitas de estudo ou actividades da escola, mas este factor só reforça a perspectiva dinâmica defendida inicialmente, essencial actualmente para responder de forma capaz à imprevisibilidade e à complexidade associada ao processo de ensino.

3.1.4- Planos de aula

3.1.4.1- Planeamento e gestão do tempo da aula

“Uma aula, ou um treino, à luz da CMH [Ciência da Motricidade Humana], deve principiar, com esta pergunta, feita pelos que a compõem: “Que tipo de pessoa quero eu que nasça desta aula (ou deste treino)?”. E, depois, procurar-se-á unir e não separar os vários métodos pedagógicos (ou de treino) e a filosofia que os deve acompanhar, para que se passe do conhecimento daquilo que é ao conhecimento daquilo que deve ser.” (Sérgio, 2005).

É intencional iniciar este ponto partindo de uma citação que se reveste de sentido e significado dentro do tema a abordar, e que deixa antever a perspectiva associada à actuação desenvolvida ao longo do ano.

O planeamento de uma aula significa o operacionalizar de uma ideia que tem como objectivo principal transmitir aos alunos determinados estímulos permitindo a sua aprendizagem. Ao planear uma aula devem ser tidas em conta diversas preocupações, para além dos objectivos da UD, que devem justificar a adequação de todos os instrumentos que permitirão alcançar ganhos de uma forma mais rentável e significativa para os alunos. As preocupações com:

- o princípio da progressividade (concebido e aplicado amplamente, não resumido a aspectos físicos ou técnicos), tendo em conta o que foi realizado nas aulas precedentes e o nível de desempenho de cada aluno;
- as maiores dificuldades reveladas pelos alunos, percebidas pela avaliação constante efectuada pelo professor durante os exercícios;
- o comportamento demonstrado pelos alunos nas diferentes solicitações,

devem possuir grande influência na definição de estratégias de actuação para a aula que se pretende planear.

O plano de aula (Anexos 2) é um instrumento que deverá auxiliar a actividade do professor, transportando informações relevantes que de forma ágil (em tempo útil e oportuno) possam ser utilizadas como meio de potenciar a aprendizagem, permitindo uma maximização do tempo de prática quer pela sua estruturação, quer pela possibilidade de rentabilização da acção docente. Torna-se ainda importante afirmar que, à semelhança dos documentos analisados no ponto anterior, também o plano de aula é susceptível de ser alterado, consoante surjam motivos que o justifiquem.

De acordo com as preocupações que estão na génese do plano, importa nele incluir: os conteúdos a abordar, quer de forma geral, quer por exercício; as solicitações comportamentais e as estratégias associadas a cada exercício; as componentes críticas (variáveis) dos exercícios que definem o sucesso dentro dos mesmos e que permitem a definição de indicadores de desempenho para posterior fornecimento de informação e feedbacks; os tempos dedicados em média a cada tarefa, desde a informação oral ao tempo de prática.

O plano de aula deve então integrar e reflectir:

“Uma melhor compreensão das situações próprias das actividades desportivas e das suas formas de funcionamento, saindo dos seus aspectos formais para centrar a atenção nos seus aspectos funcionais e na busca das causalidades subjacentes;

Identificação das variáveis intervenientes e dos ganhos que podem ser obtidos em cada uma delas;

Definição dos indicadores possíveis para as variáveis do ponto anterior e análise dos processos de medida menos intrusivos e com menos custos;

Com base nos 3 pontos anteriores, identificação dos princípios activos que nos permitam conduzir o desportista aos objectivos desejados e definição de estratégias de abordagem do problema mais eficientes;

Fazer incidir o treino sobre aspectos de facto importantes para a melhoria da prestação do desportista (nas vertentes objectivos imediatos/objectivos mediatos) definindo as correlações mais propícias e as sinergias mais favoráveis.” (Almada, Fernando, Lopes, Vicente & Vitória, 2008).

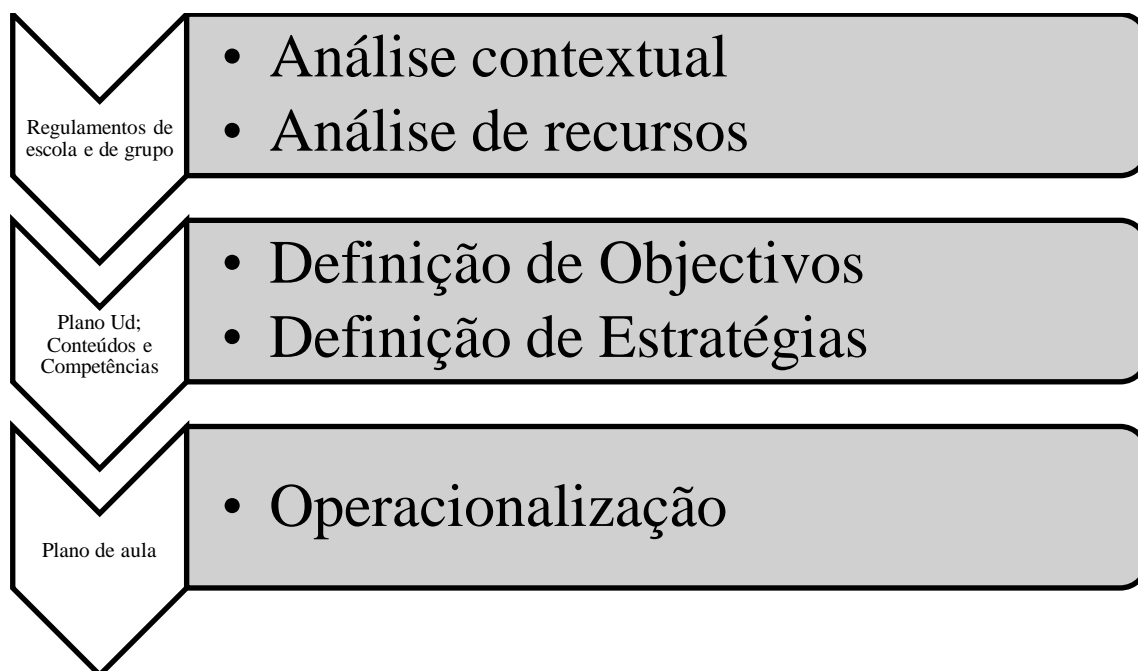
A partir deste quadro de actuação foram delineados todos os planos de aula utilizados ao longo do ano lectivo, que ao serem sujeitos à aplicação foram, em alguns pontos, resistindo ou cedendo aos problemas surgidos. No entanto julga-se que esta é uma forma exequível de trabalhar rentabilizando o tempo disponível.

Sendo um dos grandes objectivos do plano permitir uma melhor gestão do tempo da aula, foi-se ao longo do ano tentando aperfeiçoar este instrumento de forma a cada vez mais representar um auxílio nesse domínio. A tentativa de encadeamento dos diferentes exercícios, alterando intencional e progressivamente algumas variáveis ao longo do tempo, foi

uma preocupação desde o início do ano, tendo sido melhorada a sua efectivação à medida que foram testadas diferentes formas de aplicação. Conseguimos constatar que não é benéfico alterar demasiadas variáveis de uma para outra variante do exercício, mesmo mantendo a sua lógica, porque isso leva a que normalmente tenha de se interromper a aula pelo facto de os alunos não terem compreendido o que era pretendido pelo professor. Foi possível perceber que um encadeamento em que fossem introduzidas progressivamente ligeiras alterações, era benéfico para a dinâmica e clima da aula, mas também para que os alunos percebessem a intencionalidade do trabalho.

Outro dos aspectos importantes para maximizar o tempo efectivo de prática, mas também para dar sentido à actuação do professor, é planear o momento e a média de tempo que deverá ser concedido à transmissão de informação e ao esclarecimento de dúvidas que nasçam nos alunos. Pela experiência vivida julga-se importante dedicar o início da aula a um destes momentos, para que os alunos percebam o que pretende deles durante a aula. Os restantes momentos deste género deverão ser definidos tendo em conta a relação que terão com os exercícios planeados, os objectivos definidos, e o próprio desenrolar da aula.

Este foi um aspecto em que foram sentidas algumas dificuldades, tendo de ser melhorado o processo de decisão que leva a uma interrupção da aula para que possam ser dadas indicações e alterar o seu rumo. O desenrolar de um exercício de uma forma não esperada e pouco benéfica, que leva a alterações em qualquer dos tipos de objectivos almejados, deve ser um indicador a ter em conta para esta tomada de decisão.



Esquema 3 - Sequenciação do processo de actuação docente

3.1.4.2- Estratégias, Informação e feedbacks

Como foi possível perceber no ponto anterior, a informação e os feedbacks fornecidos aos alunos no tempo de aula foi um dos principais aspectos a que foi dispensada atenção com intuito de melhorar a prática docente. A transmissão de informação e o feedback desejam-se claros, objectivos, pertinentes, cientificamente correctos e motivadores, qualidades difíceis de reunir em todas as intervenções orais fornecidas pelo professor durante a aula.

“Un feedback puede ser definido como una información concerniente a una respuesta que se utilizará para modificar la respuesta siguiente” (Siedentop, 2008).

Ao longo do ano lectivo, com o decorrer das várias aulas leccionadas e a ajuda dos colegas de Núcleo de Estágio e do Professor Cooperante, fui percebendo em mim uma necessidade de melhorar neste domínio da minha actuação. Como foi debatido em reunião de estágio, era necessário acrescentar rigor científico às intervenções, com o devido adequar do vocabulário à população-alvo, mas também adequar a sua pertinência. Foi feito um esforço de aprendizagem neste sentido, trabalhando indicadores que permitissem uma justificação das intervenções e feedbacks, e treinando para adequar as explicações que previsivelmente seriam dadas. Essencial neste aspecto foi a crítica construtiva de todo o Grupo de Estágio, que em observações constantes tornou mais conscientes alguns factores de relevância que podiam ser lapidados.

Um dos factores que tinha como objectivo introduzir nas minhas intervenções, para complementar o trabalho do planeamento, era o de fornecer informações sobre a intencionalidade dos exercícios e tarefas, e os valores a si associados. É um aspecto que requer bastante treino e conhecimento, no qual ainda muito preciso evoluir, no entanto penso ter criado os alicerces para orientar a procura que será necessário realizar para obter o desenvolvimento pretendido.

“O treino físico, o treino técnico, o treino táctico, o treino psicológico e o treino teórico, dentro de uma visão dinâmica e integrada (dado que o treino analítico morreu), deve inscrever-se numa linha de promoção de valores, os quais me parecem intrínsecos à CMH.” (Sérgio, 2005).

Será esta promoção de valores que se pretende enfatizar também com as intervenções, associando-se à definição de objectivos e à construção de planeamentos anuais ou planos de aula para constituir um todo coerente e intencional.

Relativamente às estratégias utilizadas durante as aulas existem várias considerações a tecer, mas o que será possivelmente mais importante referir é a relação que as estratégias utilizadas devem estabelecer com todos os aspectos envolventes à aula, nomeadamente a UD e dentro desta os conteúdos e competências a abordar (objectivos imediatos), os comportamentos a solicitar nos alunos e o seu grau de indisciplina, o nível de desempenho

dos alunos, os espaços e material disponível, e a intencionalidade formativa geral (objectivos mediatos).

Foi possível ao longo do ano lectivo testar diferentes estratégias e tipos de organização para o trabalho de diversas UD, tão variadas como a Ginástica ou o Atletismo, actividades predominantemente individuais, e o Voleibol ou o Basquete, modalidades de solicitações predominantemente colectivas.

Desde os percursos, circuitos e mini-circuitos, utilizados com frequência nas aulas leccionadas de Ginástica, ao trabalho individual, por grupos, ou através de jogos condicionados, com maior utilização nos Desportos Colectivos, por exemplo, foram várias as formas de trabalho que, com o auxílio precioso do Professor Cooperante, fomos testando e melhorando para melhor adequar às necessidades específicas dos alunos em cada modalidade. Aliadas a estas formas organizativas tentaram ajustar-se as estratégias de ensino mais pertinentes, sendo muitas das vezes utilizada uma estratégia mais activa ou por tarefas (Siedentop, 2008).

Bem definido desde a fase inicial, para todas as modalidades, foi o processo de ensino através de progressões pedagógicas, partindo de uma fase de menor exigência e complexidade para níveis superiores. Este trabalho progressivo é essencial para uma aprendizagem adequada, consistente e motivante, que não se torne um obstáculo para os alunos, nem lhes facilite demasiado as tarefas. As adequações a realizar para obter progressões poderão ser efectivadas de diferentes formas, que consoante as tarefas e as suas características poderão ser a nível das exigências motoras, das exigências espaço-temporais, das exigências de complexidade comportamental e tomada de decisão ou das exigências relacionais e emocionais. Todos estes factores modificam os comportamentos solicitados, alterando as variáveis envolvidas numa determinada tarefa, pretendendo-se que promovam adaptações consoante o nível de desempenho e desenvolvimento dos alunos.

3.1.4.3- Clima de aula

O clima de aula construído nas turmas acompanhadas nas aulas de Educação Física pautou-se genericamente pelo empenho, disponibilidade e boa-disposição, um clima que se julga ser propício para o processo de ensino-aprendizagem.

Sabendo que o estilo de ensino se deve adequar consoante os contextos e as suas necessidades, mas reconhecendo a influência da personalidade neste domínio, tentou-se através de um equilíbrio moldar o comportamento docente de forma a que este pudesse potenciar o desenvolvimento rentável das tarefas planeadas.

Visto a tendência pessoal rumar na direcção de um estilo democrático e problematizador, promovendo a autonomia, as relações inter-pessoais (trabalho de grupo), a proximidade professor-aluno, as tomadas de decisão e o despertar de dúvidas e problemas, existiu a preocupação de melhorar este processo e de o moldar às diferentes exigências. Em diversas situações sentiu-se necessidade de exercer de forma mais marcada a autoridade que o

professor deve representar, sobretudo quando a nível disciplinar se verificavam alterações possivelmente prejudiciais para o clima da aula, no entanto estas variações podem ser consideradas normais e esperadas.

É digno de realce afirmar que nas aulas que leccionei não houve necessidade de tomar medidas disciplinares demasiado rígidas, como por exemplo afastar um aluno da aula, ou marcar uma falta disciplinar com a devida participação escrita. O facto de as turmas terem um perfil de aluno pouco problemático em questões disciplinares foi uma grande vantagem, no entanto foi-se ao longo do tempo construindo uma relação afectiva com os alunos marcada pelo respeito e entreaajuda, que facilitou imenso o controlo deste tipo de problemáticas.

Quando é atingido este nível de comprometimento por parte dos alunos e do professor, que altera positivamente o significado das suas figuras, o processo de ensino-aprendizagem só poderá ser beneficiado, e portanto tentarei sempre que possível cultivar este tipo de relacionamento que abona em favor do bom clima de aula.

No 11º de Animação Sócio-Cultural foi possível, pela dimensão reduzida da turma e pelas características dos seus elementos, construir uma relação de bastante proximidade com os alunos, auxiliando-os até, sempre que possível e solicitado, nos seus problemas mais pessoais. Mas também no 11º C/D foram cimentados bons relacionamentos inter-pessoais, de que pode ser prova a participação com alguns dos alunos da turma num dos torneios realizados na escola no final dos períodos.

3.1.5- Avaliação

A avaliação é o culminar de um ciclo do processo educativo, o que não significa que represente um fim. Todas as decisões e processos devem ser avaliados com intuito de perceber as suas potencialidades e fraquezas, tendo como principal objectivo melhorar.

“Hoje, a nova avaliação integra conceitos como: motivar, informar, observar, cooperar, interagir, desenvolver, integrar, ajudar, formar, julgar. Se considerarmos que avaliar é valorar, então é sempre tomar posição a partir de um ponto de vista, implicando uma personalidade, uma tábua de valores, uma mundanização, uma tomada de decisão. Tal concepção rompe com a certeza do aprender, com a certeza do avaliar, com a neutralidade e objectividade positivistas do avaliador (...)” (Gaspar, 2004).

Desta declaração depreendemos a complexidade do acto de avaliar, nunca isenta da subjectividade, mas muito útil e indispensável para o processo educativo.

O processo avaliativo escolar por nós seguido pode ser dividido em três momentos principais:

- avaliação diagnóstica;
- avaliação formativa;

- avaliação sumativa;

“À avaliação formativa e sumativa correspondem as funções de regular (guiar constantemente o processo de aprendizagem) e certificar (fazer o ponto da situação sobre as aprendizagens adquiridas e atribuir diplomas). A avaliação diagnóstica tem como objectivo preparar bem o aluno para iniciar o processo de aprendizagem e para determinar os pré-requisitos necessários a novas aprendizagens.” (Gaspar, 2004).

Para além destes três momentos formais devemos sempre contar com a avaliação que é constantemente realizada com o decorrer das acções na aula, que deverá servir para fundamentar intervenções e adequar processos, para além de ter peso significativo aquando da ponderação dos parâmetros sócio-afectivos.

Em relação à avaliação que conduz à nota final (sumativa), nos cursos de ensino regular, aos quais pertence a turma 11º C/D, a percentagem definida para os diferentes domínios a avaliar, domínio motor e domínio sócio-afectivo, é distribuída atribuindo 80% ao domínio motor e 20% ao domínio sócio-afectivo (Anexos 3 - Tabela 1).

No que diz respeito aos cursos profissionais, em que foi acompanhada a turma do 11º Animação Sócio-Cultural, a situação sofre alterações, sendo estipulada a percentagem de 70% para o domínio motor e 30% para o domínio sócio-afectivo.

Existe ainda na escola a hipótese de realizar avaliação teórica à disciplina, sendo esta cotada com uma percentagem de 20% na nota final, o que redistribui para o domínio motor e sócio-afectivo, 60% e 20%, respectivamente (Anexos 3 - Tabela 1). Esta última opção é viável e realizada de acordo com a decisão dos alunos, a quem no primeiro dia de aulas é distribuída uma declaração para assinar pelos encarregados de educação questionando acerca da forma como os seus educandos pretendem ser avaliados. Desta forma concede-se uma possibilidade de escolha aos alunos que podem adequar o método avaliativo às suas capacidades e pretensões.

O domínio motor é sub-dividido em factores que representam os conteúdos leccionados, atribuindo a estes factores uma ponderação na nota final de acordo com a sua importância, complexidade e tempo de prática, variando os valores dentro do mesmo factor de acordo com a correcção e qualidade com que são realizadas as tarefas avaliativas (Anexos 3 - Tabela 2).

O mesmo sucede em relação ao domínio sócio-afectivo, sub-dividido em vários parâmetros com diferentes valorizações, podendo os valores variar dentro do mesmo parâmetro consoante o comportamento observado nos alunos ao longo do período (Anexos 3 - Tabela 3).

O sistema de avaliação da disciplina de Educação Física nesta escola, semelhante a muitas outras escolas em Portugal, valoriza sobretudo, como pudemos comprovar, uma componente motora ligada ao sucesso ou correcção da execução de gestos/elementos técnico-tácticos,

atribuindo às variáveis biomecânicas uma cota de importância relativamente elevada para a decisão da nota a atribuir.

Julgamos ser facilmente perceptível o predomínio da componente motora, apesar da existência de competências comportamentais gerais definidas inicialmente (Anexos 1 - Tabela 1). Em parte o problema poderá situar-se na operacionalização da avaliação das competências referidas, que permite aferir o estado de evolução em relação a este tipo de objectivos educativos e que não é realizada especificamente, sendo muitas das vezes remetida/integrada no domínio sócio-afectivo. Este domínio, com uma valorização bastante inferior relativamente ao que o complementa, é avaliado frequentemente com critérios ora demasiado redutores, ora pouco adequados tendo em conta a especificidade das competências a atingir, sendo portanto necessário operar remodelações que possam realmente transformar os instrumentos no sentido de lhes dar utilidade e pertinência (Anexos 3 - Tabela 3).

“A subjectividade da avaliação é ainda muito maior quando se trata da interpretação dos dados da observação de comportamentos sócio-afectivos, havendo, por isso, a necessidade de diversificar os instrumentos e “medir” em condições ou situações variadas. Dado que as atitudes não são directamente observáveis, inferindo-se do comportamento do aluno (...) o diagnóstico e a avaliação deste construto podem arrastar uma margem de erro maior do que a avaliação dos conhecimentos.” (Gaspar, 2004).

Formulamos esta hipótese por julgar que também estas competências são dignas de importância (até porque constam dos documentos mais importantes do planeamento da escola, e mesmo da Lei de Bases do Desporto), e quem sabe fundamentais para mudar o rumo da disciplina de Educação Física, portanto seria importante proceder à construção de instrumentos que permitissem a sua aplicabilidade e avaliação. “La evaluación, para ser apropiada, tiene que estar supeditada a los objetivos perseguidos en una situación dada de aprendizaje” (Siedentop, 2008). Se preconizamos o trabalho de objectivos que não os de ordem técnica ou táctica, importa então possuir instrumentos para avaliar a evolução do processo.

O conhecimento é essencial para a consecução desta mudança, e devido ao facto de esta ser uma problemática relativamente pouco desenvolvida na área do Desporto, é uma boa oportunidade de desenvolver investigações que sustentem novas perspectivas.

“Conhecimento, acção, vontade, afectividade interpenetram-se e realizam-se de tal modo, na motricidade humana, que é ilusório, para os “professores de Educação Física”, admitir problemas puramente físicos, na sua profissão.” (Sérgio, 2005).

Sabendo ser uma área complexa, a investigação desta problemática não deve ser evitada, ou substituída por certezas que poderão conduzir ao reducionismo, sendo assim há que ganhar coragem para submeter ideias ao escrutínio científico, partido da premissa que “Nem tudo o

que conta em educação é mensurável ou comparável.” (Afonso, 2009), mas que será possível definir tendências para uma avaliação diferente e mais completa.

Os procedimentos avaliativos efectuados ao longo do ano lectivo basearam-se na realização de uma avaliação diagnóstica no início de uma nova UD, na possibilidade de realização de avaliações formativas com um carácter mais formal no decorrer da UD, e na conclusão das UD com uma avaliação sumativa.

Em todas as turmas acompanhadas, para todas as UD foi seguido este procedimento, com variação na realização de avaliações formativas de acordo com a sua pertinência e relevância, visto que a evolução dos alunos era acompanhada e discutida aula a aula pelo Grupo de Estágio de forma a moldar e adequar estratégias a utilizar. Esta avaliação e adaptação constante constitui um modo de trabalho dinâmico e com pretensões de com mais rentabilidade moldar os processos de ensino.

Objectivamente, ao longo do ano lectivo a percentagem de notas negativas atribuídas foi bastante reduzida, sobretudo no 2º e 3º Período, onde não foi atribuída qualquer nota negativa. No 1º Período, na turma 11º C/D, existiram algumas notas negativas, justificadas pela falta de empenho dos respectivos alunos numa modalidade que os próprios caracterizavam como pouco motivante - a Ginástica. Ainda assim, comparando com os resultados obtidos no ano anterior pela mesma turma na mesma UD, verificaram-se algumas melhorias.

Na turma do 11º Animação Sócio-Cultural todos os alunos obtiveram um bom aproveitamento aos módulos, com excepção de uma aluna que reprovou na avaliação do módulo de Ginástica, e que portanto terá de efectuar nova prova.

3.1.6- Direcção de Turma

Coube ao Núcleo de Estágio a responsabilidade de auxiliar o Director de Turma do 11º C, Prof. Paulo Alçada, permitindo o trabalho realizado conhecer os diversos procedimentos administrativos associados a este cargo.

A participação do Núcleo de Estágio nesta área passou por, inicialmente, realizar uma caracterização geral da turma com base nos questionários específicos preenchidos pelos alunos, sendo posteriormente assumida a responsabilidade principal da tarefa de controlar semanalmente a assiduidade dos alunos, revelando-se o 11º C uma turma de alunos geralmente responsáveis e assíduos, com excepção do aluno nº 2, António Pinto, que revelou alguma falta de assiduidade e alguns problemas de interesse e motivação para as tarefas realizadas em contexto de aula, situação devidamente comunicada aos pais para que os comportamentos pudessem ser corrigidos. À semelhança do aluno António Pinto, também o aluno nº12, André Santos, revelou alguma falta de interesse nas aulas, mas é importante realçar que este aluno chegou transferido à Escola Secundária Frei Heitor Pinto passado um

mês do 1º Período, revelando algumas dificuldades iniciais na sua integração, sobretudo por ser proveniente de um contexto educativo diferente (colégio privado). O caso deste aluno foi também comunicado aos pais, que se revelaram bastante receptivos e interessados em mudar a situação do aluno, contudo no final do 2º Período as alterações de comportamentos não foram suficientes para recuperar as notas, e o aluno situava-se numa situação bastante delicada.

Foi também possível ao longo do ano ter assento nas reuniões com os encarregados de educação, onde foram prestadas informações sobre cada aluno em particular e debatidos problemas que apoquentassem os alunos e que pudessem ser resolvidos pela direcção de turma. Foram realizadas actas destas reuniões para incluir no dossier da direcção de turma.

Nas reuniões de conselho de turma a ordem de trabalhos ditava que fossem preenchidos vários quadros com objectivo de aferir o insucesso escolar e os casos mais preocupantes em relação a alunos ou disciplinas. Foi possível perceber ao longo do ano grandes dificuldades de todos os alunos na disciplina de Matemática, revelando um desempenho razoável nas restantes disciplinas, sendo os casos mais preocupantes de insucesso individual o aluno nº2, António Pinto, com negativas e algumas disciplinas em atraso, e o aluno nº 12, André Santos, com muitas negativas. Pela positiva poderá destacar-se o aluno nº 7, João Fazendeiro, pelo seu desempenho e comportamento exemplares.

3.1.7- Reuniões

Os procedimentos que precedem a componente lectiva são comuns em todas as escolas do país, revestindo-se de alguma importância, e portanto assistimos a todas as reuniões dos cursos em que se inserem as turmas a que leccionámos, assim como participámos na reunião geral de professores realizada nesta Escola no início de cada ano, recebendo diversos tipos de informações importantes e úteis para organizar a prática lectiva. Julgo que estas reuniões iniciais têm um objectivo de muita utilidade, que é a comunicação de alterações que se verifiquem a algum nível de um ano para o outro e que influenciem a acção dos professores. Sabemos da volatilidade de algumas medidas do Ministério da Educação, sendo habituais algumas mudanças de ano para ano que precisam ser comunicadas a quem na realidade as operacionaliza, e portanto julgo estas reuniões fundamentais para o bom funcionamento do restante ano lectivo.

Foram de carácter bastante diverso todas as reuniões a que assistimos, e no seguimento das reuniões do início de ano surgiram as reuniões departamentais e dos conselhos de turma. Nas reuniões departamentais é habitual transmitir-se informação importante trabalhada nos Conselhos Pedagógicos, para que todos tenham conhecimento dos projectos da Escola e dos regulamentos e normas internas. São também discutidas questões de âmbito disciplinar,

nomeadamente em relação a critérios de avaliação, estratégias, projectos e actividades a realizar, podendo ser apresentadas propostas de vários tipos. É nestas reuniões que todos os Professores poderão ter oportunidade de se sentir mais autónomos, apresentando ideais, debatendo, e fazendo propostas que, se aceites, serão expostas para análise em Conselho Pedagógico, assim como será neste espaço que terão oportunidade de criticar, para registar em acta, uma qualquer medida comunicada e com a qual não concordem. Julgo que é imperativo que o clima da reunião seja adequado para que ela seja enriquecedora para todos, e consequentemente para a escola, mas ainda que estas reuniões podem e devem ser o espaço ideal para o desenvolvimento e renovação da escola, porque é onde as pessoas habilitadas e com capacidade para promover a mudança nestas organizações se encontram para debater caminhos a seguir no presente e no futuro. As reuniões departamentais realizam-se com a frequência de uma vez por mês, na semana seguinte à realização das reuniões de Conselho Pedagógico, para que seja retransmitida a informação a quem nele não tem assento.

As primeiras reuniões dos conselhos de turma são de extrema utilidade, e auxiliam de forma mais próxima a actividade docente, na medida em que revelam dados gerais da turma e, quando se julga necessário, de algum aluno em particular. Afirmo que nestas reuniões o auxílio se sente com maior proximidade porque as informações transmitidas permitem diferenciar e moldar formas de actuação com determinada turma e alunos tendo em conta as suas características. Desta forma julgo ser possível aumentar a qualidade do processo de ensino, visto que se tenta ir ao encontro das necessidades dos alunos, procurando uma diferenciação que só poderá ser benéfica. Reforço esta posição partindo do princípio que “(...) a escola (e o desporto) pode ser factor de transformação social, ajudando a formar especialistas e técnicos, que sejam cidadãos livres e libertadores.” (Sérgio, 2006), sendo todas as ferramentas que auxiliem a esta transformação bastante relevantes.

Devido ao facto de também serem atribuídas ao Núcleo de Estágio responsabilidades numa direcção de turma, foi numa destas reuniões que apresentámos os dados gerais da turma em questão, tentando transmitir informações relevantes (recolhidas através de um questionário aos alunos) e que pudessem auxiliar todos os colegas na preparação das suas aulas. É de salientar como factor importante, que o delegado de turma e o representante dos encarregados de educação têm assento em parte desta reunião, sendo ouvidas as suas preocupações e sugestões. Esta é uma forma de democratizar e de conceder importância a todas as partes integrantes desta organização, e que portanto a influenciam.

Estivemos presentes igualmente na reunião com os encarregados de educação, que são parte essencial na educação dos alunos. Na ordem de trabalho da reunião é contemplada a eleição do representante dos encarregados de educação, um procedimento comum e que é

realizado mesmo quando a afluência de pais é reduzida. Neste tipo de reuniões são abordadas pelo director de turma algumas das questões mais inquietantes que dizem respeito à turma, e são expostas as preocupações e sugestões dos encarregados de educação, tentando conseguir em conjunto um equilíbrio que promova a descoberta de soluções, aplicadas em meio familiar ou escolar, para os problemas verificados.

Existem ainda as reuniões intercalares, estas com objectivo principal de controlar o desenrolar do processo de ensino-aprendizagem e ajustá-lo, se assim se julgar pertinente. Nestas reuniões são discutidas as evoluções conseguidas pela turma nas diferentes disciplinas, mas também as evoluções particulares de alguns alunos que mereçam ser sinalizadas, quer pela positiva, quer pela negativa. Como meio de apoio e avaliação dos processos, penso que as reuniões intercalares revelam alguma importância, permitindo discutir e construir melhores estratégias para alcançar os resultados pretendidos.

3.2- ÁREA 2 - Participação na escola

3.2.1- Desporto Escolar

Foi pela avaliação diagnóstica dos alunos que se iniciou o trabalho no clube de Natação de Desporto Escolar de ESFHP 2010/2011. Realizada esta avaliação inicial, foi definida em conjunto com o professor responsável, João Matoso, a estratégia que se julgou mais adequada para o desenvolvimento dos alunos, que passou por dividir a turma de 15 elementos em classes de Treino, para os alunos mais desenvolvidos, e de Aperfeiçoamento, para alunos que apresentaram mais dificuldades. Ao professor João Matoso coube acompanhar de mais perto a classe de Aperfeiçoamento, enquanto a mim me coube a responsabilidade de olhar mais pela classe de Treino.

Foi desta forma que foi desenvolvido o trabalho ao longo de todo o ano, tendo sido criada uma relação entre as duas classes que permitia que elementos de Aperfeiçoamento passassem para a classe de Treino, assim se justificasse pela sua evolução e desempenho. Ao longo do ano 2 alunos conseguiram fazer essa transição, sendo premiado o seu empenho e desenvolvimento.

Foram realizados ao longo do ano encontros na Sertã, no qual não me foi possível estar presente, na Covilhã e em Castelo Branco, nos quais acompanhei a equipa, sendo possível compreender a lógica organizativa de uma saída de Desporto Escolar, e de um encontro da modalidade de Natação. Dentro destes eventos desempenhei a função de cronometrista (no encontro da Covilhã), para além de desenvolver o trabalho inerente ao acompanhamento dos nadadores, que se passa por definir algumas estratégias de última hora, orientar o aquecimento e fornecer conselhos úteis.

Os alunos tiveram uma prestação louvável a todos os níveis, sendo prova disso a chamada de 4 dos alunos aos campeonatos regionais, seguindo estes com a comitiva do distrito de Castelo Branco da responsabilidade de um professor da escola Amato Lusitano. Também aí o comportamento dos alunos foi excelente, sendo um deles convocado para participar nos campeonatos nacionais da modalidade, e tendo sido obtidos lugares no pódio em várias provas.

Para além desta principal participação no acompanhamento de uma equipa de desporto escolar, participei também nos Megs da escola, nos quais foram realizadas as provas de mega salto, mega sprint e mega quilómetro, e onde a minha função foi sempre a de júri de prova.

Julgo ser importante deixar, como nota final, uma reiteração de apoio aos clubes de Desporto Escolar, desde que rigorosamente estruturados, firmando uma posição contra a sua extinção. A importância da oferta desportiva na escola é tremenda se atendermos aos muitos e variados benefícios que o Desporto poderá promover e representar na sociedade actual, possibilitando a muitos jovens um leque de experiências riquíssimo e uma oportunidade de prática mais regular e organizada. A decisão da continuação ou não dos clubes de Desporto Escolar é estruturante, e representa uma tomada de posição em relação ao que pretendemos numa sociedade futura.

3.2.2- Clubes

No meu caso particular julgo importante referir a minha participação como um dos três Professores dinamizadores do Atelier de Escrita Criativa que abriu este ano na Escola que acolheu este Estágio Pedagógico. Em colaboração com o Professor Jaime Braz, de Biologia, e com a Professora Ana Monteiro, de Filosofia, tentou-se criar uma sinergia de partilha de ideias e debate criativo que promovesse a criação literária. Este Atelier tentou cumprir variados objectivos relativos à escrita e à criatividade, meios para uma melhor compreensão do Homem e do Mundo e para uma melhor expressão, tendo páginas fixas no jornal da escola, um blogue próprio, e participando em vários concursos nacionais. Foram nele propostos e realizados vários desafios, passando por visionamento de filmes e documentários, produção em diversos estilos literários, e realização de reflexões acerca dos mais variados assuntos relacionados com a produção literária, sendo as reuniões abertas e dinâmicas, promovendo a participação. Neste clube estavam inseridos professores, alunos e até uma encarregada de educação. Funcionava todas as terças das 16e50h às 18e20h.

Também muito enriquecedora, apesar de fugaz, foi a minha participação na Oficina de Teatro, a título de convidado. O objectivo era auxiliar os actores ao nível do movimento e da expressão corporal, tentando através de alguns indicadores do movimento dar substância e

credibilidade ao texto e às personagens. Os conhecimentos do comportamento humano e de como este se exterioriza através do movimento, essenciais aos profissionais da área do Desporto, podem perfeitamente servir na área da representação. Esta participação proporcionou-me uma enorme alegria e possibilitou-me perceber que poderá ser bastante vantajosa uma maior aproximação destas duas áreas.

3.2.3- Actividades do PAA

Foram organizadas (ou co-organizadas) pelo Núcleo de Estágio três actividades principais, sobre as quais importa fazer uma reflexão, avaliar e esmiuçar os pontos positivos, negativos e a melhorar, para que em próximas iniciativas não sejam cometidos os mesmos erros e se possam potenciar os aspectos positivos.

Para cada uma das actividades ir-se-á seguir o processo crítico acima descrito.

3.2.3.1- Quinzena da Saúde e Actividade Física

Nesta Quinzena da Saúde e Actividade Física, organizada pelo Professor Cooperante Carlos Elavai e pelo Núcleo de Estágio, foram vários os pontos de interesse, e diversificadas as actividades realizadas, o que pode ter constituído uma mais-valia por representar meios diferentes de transmitir a mensagem pretendida, alargando o leque populacional a quem a informação poderia sensibilizar.

O facto de serem abordados diversos temas através de sessões teórico-práticas por convidados de créditos firmados na área em causa, nomeadamente professores da UBI (Prof. Doutor Rui Brás), foi um ponto importante para emprestar credibilidade e qualidade à acção.

A formulação de objectivos amplos, que abrangessem toda a comunidade escolar, desde pessoal docente, discente, e não-docente, com actividades em que todos pudessem ser integrados (aulas de grupo, ginásio aberto, rastreios e palestras), criou uma dinâmica diferente durante o espaço de tempo em que se realizou a actividade, e portanto foi também relevante para o sucesso do evento. Realçar ainda o protocolo realizado com uma instituição desportiva (Ginásio In Corpore Sano) no sentido de proporcionar actividades típicas de ginásio na escola, algo bastante proveitoso e que causou um impacto positivo durante a quinzena.

Como pontos menos positivos julgo poder afirmar que a escola teria obrigação de apoiar mais e melhor este tipo de organizações, que não representam quase nenhuns encargos e que podem ter benefícios extraordinários. O facto de as lembranças aos convidados não terem sido atempadamente entregues, e de o director não estar presente em nenhuma das acções, pode ser encarado como um aspecto negativo que importa alterar no futuro.

Também referir que a limitação do número de participantes é condicionada pelos espaços existentes, o que poderá não permitir que todos os alunos que tenham interesse assistam aos eventos, no entanto, nas actividades realizadas no ginásio, poderiam ter colaborado mais professores, visto que o espaço o permitia.

Este último é um problema que poderá ter várias causas, nomeadamente os meios e acções desenvolvidas pela organização para cativar os participantes, que possivelmente poderiam ser mais e melhores.

Os aspectos que podem ser melhorados prendem-se principalmente, no meu entender, com questões de colaboração, em que julgo poder criar uma maior empatia para com o evento se houverem envolvidas mais pessoas a colaborar, nomeadamente mais professores, ajudando na organização, ou mesmo só publicitando o evento aos alunos.

Como nota final é pertinente referir que para além da organização, o Núcleo de Estágio participou na actividade realizando também uma comunicação com o título “Atitudes e Valores No Desporto - Uma questão de Saúde.”, decorrente do trabalho de investigação realizado na escola e apresentado para avaliação na unidade curricular de Seminário I, integrada no mestrado em Ensino da Ed.Física da UBI.

3.2.3.2- Heitorizadas

As Heitorizadas 2011, evento desportivo que engloba várias modalidades e enquadra todos os alunos da escola no espaço do Complexo Desportivo da Covilhã, podem ter tido como seu ponto forte a organização (11ºE, Prof. Carlos Elavai e Núcleo de Estágio) e a disponibilidade e competência demonstrada pela mesma para responder aos diferentes problemas surgidos, referindo-me sobretudo aos alunos envolvidos. Num evento de tamanha dimensão (em que participam todas as turmas da escola, envolvendo funcionários, professores, participação da PSP e colaboração da Câmara Municipal da Covilhã) é essencial existir a nível organizativo uma grande responsabilidade, definição de tarefas, mas acima de tudo, conhecimento geral do evento para permitir responder aos imprevistos de forma flexível. Julgo que tal facto foi conseguido, notando-se uma responsabilidade de todos os elementos, disponibilidade para corrigir problemas e conhecimento da dinâmica geral do evento para que a resolução dos imprevistos não o descaracterizasse. É hoje em dia essencial cultivar a atitude correcta e as competências que permitam cada vez melhor dar resposta a estas solicitações.

Penso que muitos dos problemas existentes decorreram a partir da forma de inscrição e participação das equipas. Devido ao facto de existirem turmas com elementos inscritos em diversas modalidades verificaram-se atrasos em inúmeros calendários, que tiveram de ser alterados como forma de não atrasar e prejudicar o decorrer normal do evento. Este foi o principal ponto que influenciou de forma menos positiva a dinâmica do evento, e que levantou mais problemas a nível organizativo.

Os aspectos a melhorar terão de passar necessariamente por tentar suprimir os pontos fracos, algo que poderá ser feito de diferentes formas. A forma que eu proponho para que tal

seja conseguido passa pela responsabilização e envolvimento maior dos professores de cada turma, sendo este aspecto assumido como algo de carácter obrigatório.

Sendo as Heitorizadas um dos maiores, senão o maior, evento realizado na escola, é de importância fulcral que todos os elementos de responsabilidade na escola estejam presentes e envolvidos, transmitindo uma mensagem de responsabilidade e participação, valores tão importantes na sociedade actual. De todos os elementos da escola, os professores serão os que mais responsabilidades terão neste aspecto, por representarem para os alunos a autoridade da formação. Sendo assim não será benéfico constatar que muitos destes docentes nem sequer estão presentes, ou que muitos deles chegam ao local despreocupando-se com os alunos.

As Heitorizadas são uma oportunidade única de aprofundar relações e estreitar laços, nomeadamente entre professores e alunos, mas foi possível notar que muitos desperdiçam esta oportunidade.

O que proponho é que dois professores sejam responsáveis pelo acompanhamento de cada turma, sendo que um deles seria o director de turma, e o outro um professor convidado pelos alunos e respectivo director de turma. Esta presença deveria ser de carácter obrigatório decretado pelo director da escola, tentando promover uma imagem de unidade, participação, responsabilidade e gosto pela actividade lúdico-desportiva.

Aliado a esta participação, o docente assumiria a responsabilidade de formar consensualmente as equipas que participariam nas diferentes modalidades, tentando evitar os problemas organizativos relatados anteriormente. Poder-se-iam ao longo do período de preparação do evento acompanhar o envolvimento dos docentes e realizar reuniões que esclarecessem as suas tarefas e funções, auxiliando-os nos diversos domínios, se necessário.

O Núcleo de Estágio ficou responsável pela estruturação de uma actividade de “jogos tradicionais” em que qualquer dos alunos, funcionários ou professores poderia participar na condição de formar uma equipa de 3 elementos. A intencionalidade da actividade passou por trabalhar a competência da comunicação em diversas condições e sob inúmeras exigências, nomeadamente a da cooperação e construção de uma dinâmica de grupo.

A participação foi crescente, efectuada por professores e alunos que competiam por cumprir as tarefas no menor tempo possível.

O carácter lúdico e competitivo, aliado a um trabalho de competências importantes, foi cativante e apreciado pelos participantes, interessados muitos deles em repetir a actividade.

3.2.3.3- Dinâmicas de Grupo

Esta acção, organizada pelo Núcleo de Estágio, poderá ter marcado pela sua diferença, visto que o seu carácter não habitual, com intencionalidade e objectivos orientados para competências normalmente desprezadas na área do Desporto, pode ter dado a conhecer uma nova realidade e ajudado a perspectivar a área do Desporto de uma outra forma, sobretudo

porque foi realizada com alunos do curso tecnológico de desporto. A coordenação esteve a cabo de uma aluna de mestrado em Ciências do Desporto a realizar tese na área das dinâmicas de grupo e das competências inter-relacionais.

O facto de terem sido abordadas diversas competências, de várias formas mas sempre com o aspecto lúdico e competitivo associado, pode ter deixado perceber a vastidão de possibilidades existentes dentro da área em que os alunos provavelmente pretendem trabalhar, e portanto abrir o horizonte dos alunos no que toca a possíveis trajectos profissionais.

Este género de actividade poderia ter sido realizada mais vezes, para possibilitar a participação de outros alunos e até mesmo de professores, no entanto a complicação em relação aos horários poderia ser um impedimento demasiado forte. Julgo também que poder-se-iam realizar mais sessões deste tipo de actividades com os mesmos alunos, possibilitando uma melhor percepção da evolução que obtiveram, e comprovando que o treino destes aspectos surte efeitos reais e positivos.

3.3- ÁREA 3 - Relação com a Comunidade

Ao longo do ano lectivo foram sendo realizados contactos com a comunidade envolvente no sentido de colaborar com a escola produzindo resultados vantajosos para ambas as partes. Pode destacar-se destas relações estabelecidas o protocolo de colaboração assinado este ano lectivo entre a escola e o Ginásio In Corpore Sano - Covilhã, no sentido de promover diversas actividades em cooperação, com resultados este ano na disponibilização de um ginásio aberto na escola durante a Quinzena da Saúde e Actividade Física, ou da realização de diversas aulas de grupo para participação de alunos, professores e funcionários.

Ainda este ano tentou estreitar-se a relação entre a escola e a UBI, através do convite endereçado a um professor do Departamento de Ciências do Desporto para dinamizar uma sessão teórico-prática sobre Nutrição e Alimentação, convite que foi aceite e que resultou na realização de duas sessões.

4- REFLEXÃO SOBRE O CONTRIBUTO DO ESTÀGIO

Foram muitos os contributos que este pequeno grande troço de todo um percurso de vida acrescentou à minha pessoa ao nível de conhecimentos teóricos e práticos, de experiências inter-relacionais e de exploração de novas realidades.

Foi o acrescentar de todas estas vivências que me possibilitou construir uma diferente e mais completa (mas nunca acabada) perspectiva daquilo que significa ser professor na área de Desporto. É essencial, como foi afirmado inicialmente, viver esta experiência, contactar com

esta realidade, tendo por perto o auxílio e o olhar crítico de um Professor Cooperante e de colegas de estágio sempre dispostos a contribuir para a aprendizagem e evolução.

Os imensos e diversos estímulos a que somos sujeitos exigem um esforço de adaptação que nos prepara para iniciar a prática docente mais conscientes, sobretudo, de que muito temos de aprender, e de que deverá ser sempre assim.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sistema de ensino em que nos inserimos, consumido pela vertigem do tempo que levou à alteração da duração dos cursos, com todas as consequências que isso acarreta, o Estágio Pedagógico revela-se nuclear como mais um meio de aprendizagem, e não apenas de aplicação de conhecimentos que se assumem como invioláveis do ponto de vista da refutabilidade. Sendo assim era benéfico existir um estreitamento da relação entre as escolas e a Universidade com intuito de enriquecer o processo de ensino dos alunos, colmatando falhas detectadas e dúvidas que surjam com o natural decorrer do Estágio.

Termino este Estágio Pedagógico com a noção da importância da reflexão e da crítica para obter evoluções e melhores rendimentos, consciente da necessidade de procurar oferecer aos alunos um cada vez melhor professor, porque os tempos estão constantemente a mudar e assim o exigem. Termino também convicto de que o rigor e o profissionalismo, assentes numa base de ética profissional, são determinantes para a defesa da classe docente que pretendo integrar, e da área em que desenvolvo a minha actividade. É essencialmente através de uma actuação condizente com estes princípios que será possível melhorar a qualidade de ensino, e consequentemente aumentar os ganhos dos alunos e da sociedade.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros e artigos:

1. Albuquerque, A. (2003). Caracterização das concepções dos orientadores de estágio pedagógico e a sua influência na formação inicial em Educação Física. Tese de Doutoramento, Edição de autor. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
2. Afonso, A. (2009). Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica à *accountability* baseada em testes estandardizados e rankings escolares. *Revista Lusófona de Educação*, 2009, 13, 13-29.
3. Almada, F.; Fernando, C.; Lopes, H.; Vicente, A. & Vitória, M. (2008). *A Rotura - A sistemática das Actividades Desportivas*. Edições VML, Torres Novas, Portugal.

4. Bento, J. (2008). Formação de mestres e doutores: Exigências e Competências. *Revista Portuguesa Ciências do Desporto, Vol.8, nº1, pág. 169-183.*
5. Gaspar, C (2004). Avaliação das aprendizagens no ensino secundário. Dissertação apresentada na Universidade da Beira Interior para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Departamento de Psicologia e Educação. UBI - Covilhã.
6. Meireles, J. (2000). Os contextos de vida dos alunos e a educação de valores. Dissertação apresentada à Universidade da Beira Interior para obtenção do grau de mestre em Educação. Departamento de Ciências da Educação. UBI - Covilhã.
7. Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Instituto Piaget, Lisboa, Portugal.
8. Sérgio, M. (2005). Motricidade Humana - qual o futuro? *Revista Motricidade 1 (4): 271-283.*
9. Sérgio, M. (2006). A Educação Desportiva. *Revista Motricidade 2 (2): 117-122.*
10. Siedentop, D. (2008). *Aprender a enseñar la Educación Física*. 2ª edição. INDE Publicaciones.

Documentos oficiais:

1. Jacinto, J.; Carvalho, L.; Comédias, J.; Mira, J. (2001). *Programa Nacional de Educação Física*. Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário; 2001.
2. Projecto Educativo de Escola para 2008-2011. Escola Secundária com 3º Ciclo Frei Heitor Pinto.
3. Protocolo de Cooperação da Universidade da Beira Interior (UBI) com as escolas. Sem data.
4. Regulamento de Estágio Pedagógico de Educação Física. Departamento de Ciências do Desporto. 2009.
5. Regulamento do Grupo de Educação Física. Escola Secundária com 3º Ciclo Frei Heitor Pinto.

CAPÍTULO 2 - A RELAÇÃO ENTRE OS MOTIVOS QUE LEVAM À ACTIVIDADE DESPORTIVA E AS ATITUDES ADOPTADAS EM CONTEXTO DESPORTIVO - ANÁLISE POR NÍVEL DE ESCOLARIDADE.

1- INTRODUÇÃO

A motivação tem uma importância significativamente comprovada na explicação da direcção das nossas opções e da intensidade com que procuramos satisfazê-las, tendo portanto uma relação causal com os comportamentos que adoptamos nos diversos contextos consoante estejamos diferentemente motivados, nomeadamente em contexto desportivo (Lemos, 1993; Lonsdale et al., 2009; Mouratidis, Vansteenkiste, Lens & Siederidis, 2008; Niemiec et al, 2006; Ntoumanis, 2001; Reinboth & Duda, 2006; Reis, 1995; Rocha, 2009; Taylor, Ntoumanis, Standage & Spray, 2010).

Assumindo como pressuposto principal a afirmação referida anteriormente, poderemos deduzir que a motivação para a prática desportiva irá exercer influência sobre todos os domínios do comportamento de cada um dos praticantes no contexto de prática, e portanto também no que diz respeito às atitudes demonstradas, enquadrando-se estas num domínio fundamental (sócio-afectivo) onde o professor deverá incidir a sua intervenção. É que “A aquisição de valores e princípios não se faz por imposição, por “decreto”, pela simples leitura de documentos, é algo que se constrói, implicando, por isso, o seu “ensino” e a sua “prática”.” (Moreira & Pestana, 2006).

Podendo a participação desportiva ser motivada de diferentes formas, cabe no entanto ao Desporto, sempre, o papel de actuar no sentido de promover ganhos e mudanças de comportamento positivas, centrando os seus objectivos na formação do Homem, e assumindo responsabilidades na sua transformação (Almada, Feitosa, Rosário, Sérgio, Viegas & Vilela, 2008; Vicente, 2007). Tal facto significa que se deve atentar, entre muitas outras variáveis, à promoção de atitudes correctas e ao fomento de valores adequados às exigências e ao clima social e cultural onde nos inserimos. “A primeira missão da Educação é promover a formação de valores. Ora, o Desporto não é apenas um saber-fazer, próprio da especialização técnica dos profissionais, mas também um saber-agir, decorrente do cuidado ou do cuidar.” (Sérgio,

2006). Para que o possamos realizar com qualidade são indispensáveis estudos que orientem a actuação docente, e neste trabalho a intenção é contribuir com informação relevante que guie a utilização de ferramentas para uma obter melhorias a nível motivacional e emocional, investigando a relação que os motivos que conduzem os jovens à Prática Desportiva (PD) podem ter com as atitudes que estes demonstram no contexto dessa mesma prática.

A motivação para a PD e as atitudes adoptadas em contexto desportivo são duas problemáticas que têm sido investigadas na área da Educação Física e do Desporto, quer de forma individual, procurando explorar melhor as diferentes dimensões dos problemas, quer de forma conjunta, testando correlações e influências entre variáveis (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Moreira & Costa, 2007; Rocha, 2009). Não parece sensato excluir as emoções e os sentimentos de qualquer concepção geral da mente (Damásio, 2003), e portanto o seu estudo deverá fazer parte da tentativa de compreensão do Homem.

Levando em linha de conta o que apontam alguns estudos relativamente às atitudes dos alunos em contexto desportivo, ou mesmo o que nos é possível observar na sociedade civil, é legítimo afirmar que não é rara a existência de atitudes menos adequadas em contextos desportivos, o que levanta diversas questões, nomeadamente em relação às possíveis causas que potenciam esse tipo de atitudes (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Moreira & Costa, 2007).

Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Moreira e Costa (2006), na investigação “A influência das orientações motivacionais nas atitudes desportivas em aulas de Educação Física”, aplicando o Questionário de Atitudes no Desporto (QAD) a uma amostra de 422 alunos, chegaram à conclusão que a faixa etária é uma variável significativa na diferenciação de indivíduos relativamente às suas atitudes, sendo os alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos menos concordantes com atitudes desportivas e revelando uma orientação para o ego.

Sabemos também que Cid (2002) investigou “A alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens”, em Portugal, utilizando o Questionário de Motivação para a Actividade Desportiva (QMAD). Teve como amostra 125 sujeitos do sexo masculino, estudantes do 10º ao 12º ano de escolaridade. Verificou-se neste estudo que os motivos mais importantes para a prática desportiva dos sujeitos dessa investigação estão intimamente relacionados com os aspectos motivacionais intrínsecos (manter a forma, estar em boa condição física, prazer e divertimento). No que diz respeito aos motivos menos importantes, os resultados obtidos revelaram um carácter predominantemente extrínseco (viajar, influência da família e amigos, influência dos treinadores, receber prémios, pretexto para sair de casa, ser conhecido, ter a sensação de ser importante, ser reconhecido e ter prestígio).

Já Rocha (2009), no estudo “A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da Educação Física Escolar”, conduzido no Brasil, conseguiu concluir, através da utilização do QMAD numa amostra de 4662 alunos matriculados do 5º ao 8º ano de

escolaridade, que os alunos participam nas aulas de Educação Física principalmente por motivos de Forma Física e Afiliação Específica, sendo considerados motivos menos relevantes aqueles que se relacionam com o Estatuto e a Competição.

Conhecidas algumas de diversas investigações acerca dos motivos que conduzem à PD, seria importante aprofundar o conhecimento do tema e perceber até que ponto os motivos que levam os alunos a essa mesma prática desportiva podem estar relacionados com as atitudes que estes adoptam em contextos desportivos. O conhecimento destes motivos e a verificação desta relação poderá traçar uma tendência que nos permita prever com as devidas cautelas o comportamento dos alunos e conseguir uma intervenção mais fundamentada e eficaz. A forma de trabalhar a motivação deverá ser uma ferramenta utilizada pelo Professor para conduzir os alunos na direcção dos objectivos estabelecidos, ganhando extrema importância se se verificar a relação entre a motivação para a prática desportiva e as atitudes adoptadas no contexto dessa mesma prática, que reflectem os valores interiorizados por quem delas é protagonista. É possível obter melhorias no envolvimento dos alunos na aula, na sua satisfação e auto-motivação, ao ganhar agilidade na utilização destas ferramentas que permitam um fomento motivacional (Tessier, Sarrazin & Ntoumanis, 2010).

Sendo assim poderemos afirmar que são objectivos deste estudo: (i) a aferição de quais as atitudes dominantes da amostra em contexto desportivo, tendo em conta o seu nível de escolaridade; (ii) conhecer na generalidade da amostra os estímulos mais influentes na motivação para a prática desportiva, tendo em conta os diferentes anos de escolaridade; (iii) comparar as atitudes adoptadas pela amostra em contexto desportivo com os motivos que os levam para a prática desportiva, diferenciando e comparando diferentes anos de escolaridade.

Poderemos a partir de alguns estudos analisados formular hipóteses para responder aos objectivos formulados, nomeadamente em relação ao objectivo (iii), assumindo como hipótese nula (H0): Não se verificam alterações relevantes entre os diferentes anos de escolaridade que justifiquem e possibilitem relacionar os motivos que levam à PD com as atitudes adoptadas em contexto desportivo. E hipótese alternativa (H1): Verificam-se alterações relevantes entre os diferentes anos de escolaridade que justifiquem e possibilitem relacionar os motivos que levam à PD com as atitudes adoptadas em contexto desportivo.

2- METODOLOGIA

2.1- Abordagem experimental ao problema

Depois de solicitada a autorização para a realização deste estudo na escola, o procedimento decorreu de forma simples e rápida. Foi distribuído, numa primeira fase, o QAD à amostra no início de uma aula de Educação Física, sendo este preenchido no momento pelos alunos em

questão. Antes do preenchimento foi feita referência ao carácter anónimo do estudo e á sua inutilidade para efeitos de avaliação escolar, para que se minimizassem os constrangimentos nas respostas. Este foi o contexto considerado mais adequado para o preenchimento do questionário devido ao facto de se relacionar com a disciplina em questão.

Numa segunda fase, com um tempo de espera que foi considerado suficiente para que a amostra não percebesse a relação entre os dados recolhidos (aproximadamente 4 meses) e não enviesasse os resultados, foi distribuído sob o mesmo procedimento o QMAD.

2.2- Amostra

A amostra deste estudo foi constituída por 172 alunos (entre género masculino e feminino), com uma média de idades de $14,73 \pm 1,36$ anos; sendo as idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos (amostragem não probabilística de conveniência). Os alunos inseridos na amostra frequentavam desde o 8º ao 11º ano de escolaridade da mesma escola secundária (Frei Heitor Pinto - Covilhã), estando representadas duas turmas por cada ano de escolaridade referido. Os 8º e 9º anos representam 4 turmas do Ensino Básico, e entre os 10º e 11º anos encontra-se uma turma do Curso Tecnológico de Desporto, sendo as restantes distribuídas pelos cursos Científicos, Humanísticos e Económicos. O intervalo etário foi delimitado considerando a proposta dos tradutores do SAQ para língua portuguesa, Chatzisarantis, Cruz, Gonçalves, Silva e Lee, e foi um factor de exclusão.

Verificou-se ao longo deste estudo alguma *mortalidade experimental*, respondendo ao primeiro questionário 172 alunos, e ao segundo questionário 171 alunos. A ocorrência desta situação deve-se às condições do estudo e ao contexto em que eram aplicados os instrumentos de medição, sendo de carácter bastante imprevisível a participação do total da amostra esperada.

2.3- Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram:

O Questionário de Atitudes no Desporto (QAD), adaptado e validado para a língua portuguesa por Chazisarantis, Cruz, Gonçalves, Silva e Lee, que consta de 23 itens, agregados posteriormente em 4 factores fundamentais: Batota, Anti-desportivismo, Convenção e Empenho. É respondido de acordo com uma escala de Likert de 5 pontos (1- Discordo Totalmente a 5 - Concordo Totalmente).

O Questionário de Motivação para a Actividade Desportiva (QMAD), adaptado para a língua portuguesa por Serpa e Frias, é constituído por 30 itens, agrupados em 8 factores: Estatuto, Emoções, Prazer, Competição, Forma física, Desenvolvimento técnico, Afiliação geral, Afiliação específica. É igualmente respondido de acordo com uma escala de Likert de 5 pontos (1- Nada Importante a 5 - Totalmente Importante).

2.4- Procedimentos estatísticos

Foi utilizado para tratamento dos dados e construção de gráficos e tabelas o programa Excel, do Office 2007. Foram elaboradas tabelas e gráficos por ano lectivo e factor analisado, tendo por base as frequências relativas obtidas a partir das quais também se realizou um teste de correlação linear. A significância dos resultados não foi testada, sendo esta uma das grandes limitações do estudo.

3- APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos através da aplicação dos instrumentos referidos, e por uma questão de economia e de pertinência apresentamos em anexo (Anexo - Capítulo 2) as tabelas que apresentem dados mais importantes para a resposta aos objectivos deste estudo.

3.1- Questionário de Atitudes no Desporto (QAD)

A análise do QAD da amostra foi efectuada de acordo com os 4 factores propostos por Chazisarantis, Cruz, Gonçalves, Silva e Lee, a saber: “Batota”; “Anti-desportivismo”; “Convenção”; “Empenho”. E os dados avaliados e utilizados para construção gráfica são provenientes das tabelas de frequência relativa.

A possibilidade de discussão destes resultados foi limitada por uma falta de acesso a estudos onde fosse utilizado o mesmo instrumento, sendo esta uma limitação do trabalho desenvolvido, apesar disso é possível retirar dados e conclusões de interesse e que permitam também prosseguir com a confirmação da hipótese formulada.

Em relação aos resultados globais conseguimos perceber uma tendência geral acentuada para as respostas discordantes das atitudes relacionadas com a “Batota” e com o “Anti-desportivismo”, assim como uma tendência geral para concordar com atitudes de “Convenção e Empenho”. Verificamos no entanto, na análise dos totais médios dos 4 factores, que existe uma maior percentagem de alunos com tendência a concordar com as atitudes positivas de “Convenção” e “Empenho” do que a discordar das atitudes consideradas negativas, “Batota” e “Anti-desportivismo”.

Em relação aos resultados obtidos por ano de escolaridade apresentamos as tabelas comparativas de frequência total relativa média (tabela 1; 2; 3 e 4), e o que verificamos é a existência de uma diferença pouco acentuada, com percentagens tendencialmente superiores no 8º e 9º ano, nos valores de discordância com as atitudes de “Batota” e Anti-desportivismo”. Conseguimos também constatar que os valores de concordância com as atitudes de “Anti-desportivismo” são em todos os anos superiores relativamente aos valores de concordância com as atitudes de “Batota”. Os dados de maior relevância serão os valores de concordância do 11º ano com estes dois factores negativos, os maiores registados entre os anos analisados.

Relativamente aos factores positivos “Convenção” e “Empenho” a tendência inverte-se, com os anos de escolaridade superiores, 9º, 10º e 11º anos, a apresentar resultados médios de concordância mais elevados em relação ao ano inferior, o 8º ano, que apresenta valores cerca de 15% abaixo nos dois factores.

Em termos gerais importa ainda referir que o factor “Empenho” foi aquele em que se obtiveram resultados mais favoráveis e menor percentagem de respostas discordantes e neutras, ao contrário do factor “Anti-desportivismo”, onde se obtiveram os piores resultados totais. Pode constatar-se também que o 8º ano foi aquele em que se obtiveram percentagens mais elevadas de respostas neutras.

Por ano de escolaridade poderemos dizer que no factor “Batota” conseguimos, através de uma análise de comparação entre os diferentes anos de escolaridade que integram a amostra, identificar o 11º ano como aquele que apresenta valores mais elevados na concordância com este género de atitudes, evidenciando claramente uma diferença relevante em relação aos restantes anos. Este resultado do 11º ano, assim como o que diz respeito ao factor “Anti-desportivismo”, podem ser preocupantes.

Os dados obtidos referentes ao “Anti-desportivismo” (tabela 2) colocam também o 11º ano no topo dos que mais aceita este tipo de atitudes, mais concretamente 29% dos alunos. Aliados a estes 29% de concordância surgem ainda 23% de respostas neutras, o que remete para a discordância, a resposta que consideramos ser mais adequada, uns meros 43%, ou seja, menos de metade dos alunos inquiridos. Esta é uma evidência realmente desanimadora, tendo em conta que o 11º ano é o nível de escolaridade mais elevado na amostra, e o que supostamente deveria apresentar melhores resultados, ponderando apenas a variável da quantidade de tempo de escolaridade.

Relativamente à “Convenção” (tabela 3) e ao “Empenho” (tabela 4) o 8º ano é o que apresenta valores mais baixos e díspares em relação à média, com diferenças, nos dois factores, superiores a 14%. Os restantes anos de escolaridade apresentam resultados semelhantes e bastante positivos, com níveis elevados de aceitação de atitudes positivas, nomeadamente no que diz respeito ao “Empenho”.

3.2- Questionário de Motivação para a Actividade Desportiva (QMAD)

A análise do QMAD da amostra foi efectuada de acordo com os 8 factores propostos por Serpa e Frias, a saber: “Estatuto”; “Prazer”; “Emoções”; “Competição”; “Forma Física”; “Desenvolvimento de Técnicas”; “Filiação Geral”; “Filiação Específica”. E os dados avaliados e utilizados para construção gráfica são provenientes das tabelas de frequência relativa.

Realizando uma análise generalizada dos resultados obtidos, a partir das frequências relativas totais calculadas em cada resposta, poderemos afirmar que se verifica na amostra uma tendência para considerar a “Forma Física”, o “Desenvolvimento Técnico”, e por último o “Prazer” como motivos principais que levam à prática de Actividade Desportiva. Chegamos a esta conclusão analisando a soma das médias da frequência relativa de respostas positivas

(tabelas 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12), ou seja, no intervalo do Muito Importante (MI) e Totalmente Importante (TI). Mais especificamente poderemos verificar que “Fazer exercício”, “Estar em boa condição física” e “Manter a forma”, todos pertencentes ao factor “Forma Física”, são motivos totalmente importantes para os constituintes da amostra. Dentro do factor “Prazer” pode considerar-se mais relevante o “Divertimento”, como motivo importante na adesão a actividades desportivas.

Como factores menos importantes para participar e praticar actividades desportivas destaca-se o “Estatuto”, e com menos predominância a “Competição” e a “Afiliação Específica”. É possível notar uma maior tendência para considerar ser nada importante “Ter a sensação de ser importante”, relativamente ao factor “Estatuto”, ou até mesmo “Ganhar”, no factor “Competição”. A “Influência dos treinadores” ou a “Influência da família ou amigos” parecem também não ser decisivas para a adesão à prática desportiva.

Estes resultados são condizentes com alguns outros obtidos em estudos onde foi aplicado o mesmo instrumento, nomeadamente no estudo de Cid (2002), onde se investigou “A alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens” em Portugal. Verificou-se neste estudo, à semelhança do que agora apresentamos, que os motivos mais importantes para a prática desportiva dos sujeitos dessa investigação estão intimamente relacionados com os aspectos motivacionais intrínsecos (manter a forma, estar em boa condição física, prazer e divertimento). No que diz respeito aos motivos menos importantes, os resultados obtidos revelaram um carácter predominantemente extrínseco (viajar, influência da família e amigos, influência dos treinadores, receber prémios, pretexto para sair de casa, ser conhecido, ter a sensação de ser importante, ser reconhecido e ter prestígio).

Também no estudo de Rocha (2009), “A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da Educação Física Escolar”, conduzido no Brasil, conseguimos encontrar alguns paralelismos, visto que foi concluído que os alunos participam nas aulas de Educação Física principalmente por motivos de Forma Física e Afiliação Específica, sendo considerados motivos menos relevantes aqueles que se relacionam com o Estatuto e a Competição.

Analisando mais pormenorizadamente, e atendendo ao ano de escolaridade, podemos referir, em relação ao factor “Estatuto”, que este parece assumir mais importância no mais baixo ano de escolaridade inquirido, o 8º ano, com valores de 31% para respostas que lhe atribuem conotação de Muito e Totalmente Importante, podendo acrescentar-se o facto de existirem ainda 28% de respostas conotando-o de Importante (tabela 5).

Também no factor “Emoções” o 8º ano pode ser destacado como sendo o ano de escolaridade que menos importância concede a este domínio, verificando-se portanto os 28% de respostas negativas, entenda-se Nada Importante e Pouco Importante. Há que referir no entanto que também é o 8º ano que demonstra neste factor uma maior percentagem de respostas de conotação Importante, mais especificamente 46%. Em relação a este factor importa também realçar que parece verificar-se uma tendência para aumentar a sua

importância proporcionalmente ao aumento do ano de escolaridade, finalizando o 11º ano com 92% de respostas entre Importante e Totalmente Importante (tabela 6).

Relativamente ao factor “Prazer” julgamos importante fazer alusão à ligeira tendência verificada para decrescer a sua importância à medida que aumenta o ano de escolaridade, sendo o 11º ano aquele que menos importância concede a este factor, com uma soma de 13%. Ainda assim verifica-se que este será um dos factores fundamentais que motivam os jovens para a prática desportiva (tabela 7).

No que diz respeito ao factor “Competição” o que se pode observar é uma crescente valorização à medida que aumenta o ano de escolaridade, verificando-se que nos dois últimos anos analisados, 10º e 11º anos, mais de 50% dos alunos lhe concedem muita ou total importância. Esta tendência inverte-se quando analisamos as respostas que conotam este factor como pouco ou nada importante, verificando-se um aumento dos valores até ao 8º ano, com 20% (tabela 8).

O factor “Forma Física” é na generalidade aceite por todos os anos de escolaridade como um motivo muito importante para praticar actividade desportiva, existindo uma percentagem muito baixa de respostas que lhe concedem pouca ou nenhuma importância. Apesar disso verifica-se uma ligeira tendência para a importância aumentar à medida que aumenta o ano de escolaridade, com o 11º ano a obter os valores mais elevados, de 78% (tabela 9).

O “Desenvolvimento Técnico” parece ser também um motivo bastante importante para os jovens se inserirem na prática desportiva, com predominância nos anos de escolaridade mais elevados, 9º, 10º e 11º anos. O 8º ano é aquele em que este factor parece não ser tão valorizado (tabela 10).

A “Afiliação Geral” evidencia-se como um factor importante na motivação dos jovens para a prática desportiva, apesar de não ser um dos mais relevantes. A grande maioria dos jovens considera ser um importante estímulo, principalmente o “Estar com os amigos” e “Fazer novas amizades”. É importante realçar o destaque do 11º ano por ser aquele que apresenta valores mais elevados na consideração de Nada ou Pouco Importante relativamente a este factor, principalmente na questão 22 “Pertencer a um grupo” (tabela 11).

Por último, a “Afiliação Específica”, com semelhança em relação aos resultados obtidos no factor anterior, apresenta valores de onde poderemos concluir que a maioria da amostra concede importância com os estímulos apresentados, destacando-se claramente o 10º ano como aquele que mais concorda e o 8º como o ano que menos concorda (tabela 12).

4- DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Como forma de responder ao último objectivo estipulado, e de confirmar a hipótese adiantada, é de importância fulcral cruzar os dados obtidos através dos diferentes instrumentos aplicados e verificar a possibilidade de definir algumas tendências que auxiliem no retirar de ilações.

Partir-se-á de uma análise geral e cruzamento do total dos resultados obtidos (tabelas 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12), e da correlação linear realizada (tabela 13), para obter uma análise por ano de escolaridade, construindo a base para a apresentação de conclusões.

Como apresentado anteriormente, é possível verificar com os resultados obtidos através do QAD uma tendência geral acentuada para as respostas discordantes das atitudes relacionadas com a “Batota” e com o “Anti-desportivismo”, assim como perceber uma propensão para concordar com atitudes de “Convenção e Empenho”, constatando no entanto, na análise dos totais médios dos 4 factores, a existência de uma maior percentagem de alunos com tendência a concordar com as atitudes positivas de “Convenção” e “Empenho” do que a discordar das atitudes consideradas negativas “Batota” e “Anti-desportivismo”. Ao analisar igualmente de forma geral os dados obtidos através do QMAD, em que poderemos afirmar que se verifica na amostra uma tendência para considerar a “Forma Física”, o “Desenvolvimento Técnico”, e por último o “Prazer” como motivos principais que levam à prática de Actividade Desportiva, é possível concluir que factores de ordem essencialmente intrínseca e orientados para a tarefa, como os obtidos nos resultados, parecem conduzir a atitudes tendencialmente adequadas ao contexto desportivo.

Estes resultados alinham-se com conclusões obtidas em estudos semelhantes, em que a orientação da motivação se relaciona com as atitudes tomadas, com realce para a orientação motivacional para o ego conduzir a atitudes menos correctas (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Moreira & Costa, 2007).

Ainda assim é possível retirar bastantes mais ilações cruzando os dados dos diferentes factores dos instrumentos utilizados e analisando por ano de escolaridade, como é objectivo deste estudo.

Em relação ao 8º ano é possível perceber que os piores resultados no que diz respeito às atitudes do factor “Convenção” e “Empenho” se podem emparelhar com uma importância acentuada dada aos motivos que se relacionam com o “Estatuto” (correlações negativas), assim como com uma desvalorização dos motivos ligados às “Emoções” e ao “Prazer”.

No 9º ano, os melhores resultados nas atitudes relacionadas com a “Batota” e o “Anti-Desportivismo”, com grandes níveis de discórdia para com estas, assim como uma grande concordância atitudes de “Empenho”, podem relacionar-se com a menor importância concedida a motivos ligados ao “Estatuto”, e com o valor de que se parecem revestir os motivos de “Prazer” e de “Desenvolvimento Técnico”.

É no 10º ano que podemos observar que a maior concordância com atitudes de “Convenção” e “Empenho” poderá ter relação com a importância concedida aos motivos de “Afiliação Geral” e “Afiliação Específica”, mas também que uma fraca discordância com atitudes de “Batota” e “Anti-Desportivismo” poderá relacionar-se com a importância concedida aos motivos ligados à “Competição”.

Por último, no 11º ano, os piores resultados no que diz respeito à discordância com atitudes de “Batota” e “Anti-Desportivismo” encontram algum suporte na grande importância que os

motivos de “Competição” assumem, ao contrário dos motivos relacionados com o “Prazer”, onde obtêm os piores resultados de todos os anos de escolaridade.

De uma forma geral é possível com esta análise perceber relações entre factores dos diferentes instrumentos, sugerindo uma relação entre estas duas áreas, no entanto sem a significância que uma análise estatística mais avançada e completa poderia deixar afirmar.

Podemos traçar como tendências resultantes dos dados obtidos dos diferentes anos de escolaridade, que os motivos ligados ao factor “Competição” e a sua crescente importância parecem poder estar relacionados com a fraca discordância para com as atitudes de “Batota” e de “Anti-Desportivismo” (correlação negativa). Analisando os valores obtidos no factor “Competição” podemos observar que o 10º e o 11º ano apresentam os valores mais elevados, com cerca de 50% e 51% dos alunos a afirmam ser um aspecto decisivo que os leva a praticar desporto. A competição e o desejo de ganhar, quando analisados de forma isolada não podem ser encarados como factores negativos, porque as características do desporto abrangem sempre competição e superação. Contudo, este factor de motivação pode identificar-se com atitudes menos correctas, algo que nos é possibilitado observar mais concretamente no 10º e 11º ano, onde é possível verificar diferenças na “Batota” e no “Anti-desportivismo”.

É possível também perceber que motivos relacionados com a “Afiliação Geral” e a “Afiliação Específica”, mas também as “Emoções”, com menor preponderância, podem estabelecer uma ligação com as atitudes que dizem respeito à “Convenção” e “Empenho” (correlações positivas). Podendo também estar relacionados com as atitudes de “Covenção” e “Empenho” surgem os motivos ligados ao “Desenvolvimento Técnico”, e também, com igual realce, os motivos ligados à “Forma Física”. Fazemos tal afirmação por verificar correlações positivas elevadas entre os factores, que de podemos esmiuçar dizendo que à excepção do 8º ano, praticamente todos os alunos revelam respostas positivas (90%) em relação ao factor “Empenho”, e quando cruzados estes resultados com os obtidos em relação a estímulos de carácter intrínseco e orientados para a tarefa, como o “Desenvolvimento Técnico”, a “Forma Física” e até mesmo o “Prazer”, verificamos a mesma tendência revelada na aplicação do primeiro instrumento, isto é, destaca-se claramente o 8ºano como tendo os valores mais baixos, podendo existir uma relação entre as atitudes adoptadas e os motivos que levam à prática desportiva.

Estes resultados parecem seguir na lógica do que foi discutido anteriormente, antevendo uma relação entre a importância de motivos orientados para o ego (“Competição”) e o nível de concordância para com atitudes menos correctas em contexto desportivo (“Batota” e “Anti-Desportivismo”).

Já os motivos orientados essencialmente para a tarefa (“Desenvolvimento Técnico”), parecem relacionar-se com o nível de concordância para atitudes positivas em contexto desportivo (“Empenho”).

5- CONCLUSÕES

As análises descritivas realizadas permitem retirar algumas conclusões acerca dos dados recolhidos, mesmo não sendo possível uma análise exaustiva e aprofundada, conseguida apenas através de um tratamento estatístico diferente. É possível ainda assim, apesar desta enorme limitação, identificar algumas tendências e valores importantes. Realçamos no primeiro estudo a primazia da adopção de atitudes correctas, principalmente no factor “Empenho”, contudo os resultados obtidos relativamente ao “Anti-desportivismo” são o factor mais alarmante, com um elevado número de alunos a concordarem com esta atitude. Relativamente ao segundo estudo é possível identificar quais os estímulos motivacionais que os alunos consideram mais relevantes, encontrando-se em primeiro o factor “Forma física” e depois o “Desenvolvimento técnico”.

É importante também referir que, tal como é evidenciado na bibliografia, o cruzamento dos dados recolhidos nos permitiu identificar que os factores mais relevantes para que os alunos pratiquem actividades desportivas são os factores de ordem intrínseca e orientados para a tarefa, motivações que levam tendencialmente a adoptar atitudes e valores adequados em contexto desportivo. Contudo verifica-se que motivações orientadas para o ego podem levar a concordar com atitudes e valores menos correctos no desporto, como aqueles que se relacionam com a “Batota” e o “Anti-desportivismo”.

Há que realçar ainda que os dados recolhidos e a análise posteriormente efectuada permitiram ir ao encontro dos objectivos estipulados, podendo, dentro das limitações já referidas, confirmar a hipótese alternativa, verificando-se alterações entre os diferentes anos de escolaridade que justifiquem e possibilitem relacionar os motivos que levam à PD com as atitudes adoptadas em contexto desportivo.

A área da motivação, das emoções e das atitudes é há muito estudada, havendo várias correntes de pensamento e teorizações na tentativa de explicar este fenómeno complexo e importante no comportamento humano.

Apesar dos vários estudos já existentes, a interdisciplinaridade permitiu abrir horizontes que trouxeram novas questões e problemas que necessitam ser investigados, e como resultado deste estudo nasceram um sem-número de dúvidas e ideias que poderão dar seguimento a este modesto trabalho.

São algumas dessas ideias:

- A investigação e definição de variáveis e indicadores para cada um dos factores das Atitudes como forma de poder observar e avaliar os comportamentos dos desportistas;
- Relacionar as variáveis observadas com resultados obtidos a partir de questionários como o QAD;
- Isolar alguns factores analisados no QAD e no QMAD na tentativa de estudar possíveis correlações existentes, quer de forma geral, quer analisando por nível de escolaridade;

- Perceber se uma intervenção ao nível das Atitudes poderá fazer alterar os resultados no QMAD, havendo uma mudança ao nível dos motivos que levam à prática desportiva;

Resumindo poderemos afirmar que os motivos que levam à prática desportiva poderão influenciar as atitudes posteriormente adoptadas em contexto desportivo, sendo importante para o professor conhecer esta relação e possuir as ferramentas que permitam um diagnóstico para posterior intervenção em relação às atitudes dos alunos. Para que tal seja conseguido importa que se aprofundem as investigações à volta desta problemática, visto ser possível vislumbrar cenários de evolução a diversos níveis.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Almada, F.; Feitosa, A. M.; Rosário, T.; Sérgio, M.; Viegas, T.; Vilela, J. (2008). *O Sentido e a Acção*. 2ª edição. Instituto Piaget.
2. Cid, L. F. (2002). Alteração dos Motivos para a Prática Desportiva das Crianças e Jovens. <http://www.efdeportes.com/> *Buenos Aires: Revista Digital. Año 8 - N° 55*.
3. Damásio, A. (2000). *O Erro de Descartes*. Europa-América, Lisboa.
4. Fernandes, H.; Vasconcelos-Raposo, J.; Moreira, M.; Costa, H. (2007). A influência das orientações motivacionais nas atitudes desportivas em aulas de Educação Física. *Motricidade 3(3): 16-23*.
5. Lemos, M. (1993). A motivação no processo de ensino/aprendizagem, em situação de aula. Dissertação apresentada para provas de doutoramento em Psicologia. Universidade do Porto.
6. Lonsdale, C. et al. (2009). Self-determined motivation and student's physical activity during structured physical education lessons and free choice periods. *Preventive Medicine 48 (2009) 69-73*.
7. Moreira, C.; Pestana, G. (2008). Algumas reflexões sobre a ética desportiva. *Motricidade 4(3): 95-101*.
8. Mouratidis, A.; Vansteenkiste, M. Lens, W.; Siederidis, G.; (2008). The motivational role of positive feedback in sport and physical education: evidence for a motivational model. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 2008, 30, 240-268*.

9. Ntoumanis, N.(2001). A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. *British Journal of Educational Psychology* (2001), 71, 225± 242.
10. Reis, L. (1995). Motivação para a prática desportiva. Dissertação apresentada com vista a prova pública para a categoria de professor adjunto na área científica de Educação Física /Actividades Ritmadas. Escola Superior de Castelo Branco (prova não publicada).
11. Reinboth, M.; Duda, J. (2006). Perceived motivational climate, need satisfaction and índices of well-being in team sports: A longitudinal perspective. *Psychology of Sport and Exercise* 7 (2006) 269-286.
12. Rocha, C. (2009). A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática de educação física escolar. Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de mestre em Psicologia do Desporto. Faculdade de Motricidade Humana.
13. Sergio, M; (2006). A Educação Desportiva. *Motricidade* 2 (2): 117-122.
14. Taylor, I.; Ntounamis, N. & Smith, B. (2009). The social context as a determinant of teacher motivational strategies in physical education. *Psychology of Sport and Exercise* 10 (2009) 235-243.
15. Taylor, I.; Ntoumanis, N.; Standage, M.; Spray, C. (2010). Motivational predictors of physical education students effort, exercise intentions and leisure-time physical activity: a multilevel linear growth analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 2010, 32, 99-120.
16. Tessier, D.; Sarrazin, P.; Ntoumanis, N. (2010). The effect of an intervention to improve newly qualified teachers' interpersonal style, students motivation and psychological need satisfaction in sport-based physical education. *Contemporary Educational Psychology* 35 (2010) 242-253.
17. Vicente, A. (2007). Para a Gestão Micro e Macro das Actividades Desportivas. O Diagnóstico nas Actividades Desportivas: Operacionalização nos Desportos Colectivos. Trabalho com vista à obtenção do grau de doutor em Educação Física e Desporto na especialidade de Ciências do Desporto, Universidade da Madeira.

Anexos

CAPITULO 1 - Estágio Pedagógico

Anexos 1

Tabela 1 - Exemplo da tabela de Conteúdos e Competências da UD

EDUCAÇÃO FÍSICA

Conteúdos e Competências para o 11^o C/D

Unidade Didáctica	Competências Gerais	Conteúdos	Competências específicas
Ginástica	<ul style="list-style-type: none"> - elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais; - relacionar-se com cordialidade e respeito com os seus companheiros, quer como adversários quer como parceiros; - interessar-se e apoiando os esforços dos companheiros com oportunidade, promovendo a entreajuda para favorecer o aperfeiçoamento e satisfação própria e do(s) outro(s); - cooperar nas situações de aprendizagem e de organização, escolhendo as acções favoráveis ao êxito, segurança e bom ambiente relacional na actividade da turma; - assumir compromissos e responsabilidades de organização e preparação das actividades individuais e/ou de grupo, cumprindo com empenho e brio as tarefas inerentes; - combinar com os companheiros decisões e tarefas de grupo com equidade e respeito pelas exigências e possibilidades individuais. 	<p style="text-align: center;">SOLO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rolamento à frente engrupado - Rolamento à frente encarpado com pernas afastadas - Rolamento à retaguarda engrupado - Rolamento à retaguarda encarpado com pernas afastadas - Rolamento à retaguarda encarpado com pernas unidas - Rolamento saltado - Apoio facial invertido de braços - Apoio facial invertido com apoio da cabeça - Roda - Rondada - Elementos de equilíbrio e flexibilidade: <ul style="list-style-type: none"> . avião, espargata, ponte e sapo - Elementos de ligação: <ul style="list-style-type: none"> . voltas, piruetas, saltos e afundos 	<ul style="list-style-type: none"> - cooperar com os companheiros nas ajudas, analisa o seu desempenho e o dos colegas, dando sugestões que favoreçam a melhoria das suas prestações e garantam condições de segurança, e colabora na preparação, arrumação e preservação do material. - desenvolver a capacidade de visualização imaginária do movimento ou sequências de movimentos; - desenvolver no aluno a adopção de atitudes e posturas compatíveis com as praticas gímnicas; - promover o conhecimento, a compreensão e a aplicação das componentes críticas dos diversos elementos gímnicos; - promover no aluno a realização de destrezas com equilíbrio, flexibilidade e com níveis de amplitude compatíveis com as características fundamentais do gesto gímnico.

(a) Exercício alternativo ao rolamento à retaguarda com subida a pino

		<p style="text-align: center;">TRAVE</p> <ul style="list-style-type: none"> - entrada entre mãos - volta (pivot) - saltos (gato, corsa, troca passo, etc.) - avião - saída em rondada ou salto de mãos <p style="text-align: center;">BARRA FIXA</p> <ul style="list-style-type: none"> - subida de frente - volta à frente em apoio - volta de barriga - balanços - cambiada - saída <p style="text-align: center;">PARALELAS SIMÉTRICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> - subida de báscula comprida - balanços em apoio braquial - apoio invertido de ombros - posição angular - tesoura - saída <p style="text-align: center;">PARALELAS ASSIMÉTRICAS</p> <ul style="list-style-type: none"> - subida de frente - passagem de uma perna - apoio das mãos no banzo sup. - subida para o banzo superior - rolamento à frente - balanços - volta de barriga atrás - saída com rol. à retag. no banzo inferior <p style="text-align: center;">SALTOS NO CAVALO</p> <ul style="list-style-type: none"> -salto ao eixo com o aparelho em posição transversal e longitudinal; -salto entre mãos com o aparelho em posição transversal e longitudinal; 	
--	--	--	--

Tabela 2 - Exemplo da tabela do Plano da UD

Competências	Objectivos	Conteúdos	Actividade Estratégias	Recursos materiais	Nº de Aulas	Avaliação
<p>- Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas gerais;</p> <p>- Relacionar-se com cordialidade e respeito com os seus companheiros, quer como adversários quer como parceiros;</p> <p>- Interessar-se e apoiar os esforços dos companheiros com oportunidade, promovendo a entretajuda para favorecer o aperfeiçoamento e satisfação própria e do(s) outro(s);</p> <p>- Cooperar nas situações de aprendizagem e de organização, escolhendo as acções favoráveis ao êxito, segurança e bom ambiente relacional na actividade da turma;</p> <p>- Assumir compromissos e responsabilidades de organização e preparação das actividades individuais e/ou de grupo, cumprindo com empenho e brio as tarefas inerentes;</p> <p>- Combinar com os companheiros decisões e tarefas de grupo com equidade e respeito pelas exigências e possibilidades individuais.</p>	<p>- Cooperar com os companheiros nas ajudas;</p> <p>- Analisar o seu desempenho e o dos colegas, dando sugestões que favoreçam a melhoria das suas prestações e garantam condições de segurança;</p> <p>- Colaborar na preparação, arrumação e preservação do material;</p> <p>- Desenvolver a capacidade de visualização imaginária do movimento ou sequências de movimentos;</p> <p>- Desenvolver no aluno a adopção de atitudes e posturas compatíveis com as praticas gímnicas;</p> <p>- Promover o conhecimento, a compreensão e a aplicação das componentes críticas dos diversos elementos gímnicos;</p> <p>- Promover no aluno a realização de destrezas com equilíbrio, flexibilidade e com níveis de amplitude compatíveis com as características fundamentais do gesto gímnico.</p>	<p style="text-align: center;">SOLO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rolamento à frente engrupado - Rolamento à frente encarpado com pernas afastadas - Rolamento à retaguarda engrupado - Rolamento à retaguarda encarpado com pernas afastadas - Rolamento à retaguarda encarpado com pernas unidas - Apoio facial invertido de braços - Apoio facial invertido com apoio da cabeça - Roda - Elementos de equilíbrio e flexibilidade: <ul style="list-style-type: none"> . Avião, espargata, ponte e sapo <p style="text-align: center;">APARELHOS</p> <p style="text-align: center;"><u>TRAVE</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Entrada de eixo transversal com apoio pés e mãos. - Volta (pivot) - Saltos (gato, corsa, troca passo, etc.) - Avião - Saída em rondada <p style="text-align: center;"><u>PARALELAS SIMÉTRICAS</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Subida de báscula comprida - Balanços em apoio de mãos - Apoio invertido de ombros - Saída <p style="text-align: center;"><u>SALTOS NO CAVALO</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Salto ao eixo com o aparelho em posição transversal e longitudinal; - Salto entre mãos com o aparelho em posição transversal e longitudinal; <p style="text-align: center;"><u>BARRA FIXA</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Subida de frente - Rolamento à frente - Balanços - Cambiada - Saída de Báscula <p style="text-align: center;"><u>PARALELAS ASSIMÉTRICAS</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Subida para o banzo inferior - Passagem de uma perna - Apoio das mãos no banzo superior - Subida para o banzo superior - rolamento à frente - balanços - saída de pés e mãos 	<p>- Circuito</p> <p>- Mini-Circuito</p> <p>- Percurso</p>	<p>Colchões</p> <p>Bancos</p> <p>Pranchas</p> <p>Cavalo</p> <p>Plinto</p> <p>Bock</p> <p>Reuther</p> <p>Espaldares</p>	22	<p>- Avaliação diagnóstica</p> <p>- Avaliação formativa</p> <p>- Avaliação sumativa: Cumprir com rigor todos os conteúdos abordados nas aulas práticas.</p>

Tabela 3 - Exemplo de Extensão e Sequência de Conteúdos da UD

Extensão e sequência da matéria de ensino: Ginástica		Aulas Previstas														Competências Específicas																						
		4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16																								
Capacidades	Conteúdos psicossociais	Sociabilidade; Sentido de responsabilidade; Autonomia		CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT																							
	Coordenativas	Destreza Geral	a)	a)	a)																																	
	Condicionais	Resistência																																				
		Velocidade																																				
Força																																						
Flexibilidade																																						
Habilidades Motoras	Solo	Rolamento à frente engrupado	A D		E	T	T	E	E																													
		Rolamento à frente com pernas afastadas	A D		E	T	T	E	E	E	E	C																										
		Rolamento à retaguarda engrupado	A D		E	T	T	E	E	E	E	C																										
		Rolamento à retaguarda com pernas afastadas		AD	E	T	T	E	E	E	E	C																										
		Rolamento à retaguarda encarpado		AD		T	T		E	E	E	C																										
		Rolamento saltado				T	T		E	E	E	C																										
		Apoio invertido de cabeça	A D		E	T	T	E	E	E		C																										
		Apoio facial invertido		AD	E	T	T	E	E	E		C																										
		Roda		AD		T	T				E	E	E																									
		Rodada																																				
	Avião/Vela/Sapo/Espargata/Ponte							E	E	E																												
	Pirueta										E																											
	Volta										E																											
	Cavalo	Salto ao Eixo (transversal)												E	E																							
		Salto ao Eixo (longitudinal)												E	E																							
		Salto entre mãos (transversal)												E	E																							
		Salto entre mãos (longitudinal)																																				
	Trave	Entrada a um pé													E	E	E	E																				
		Marcha/deslocamentos													E	E	E	E																				
		Volta													E	E	E	E																				
		Saltos													E	E	E	E																				
		Avião													E	E	E	E																				
		Saída em salto com meia pirueta													E	E	E	E																				
	Paralelas Simétricas	Saída em rodada														E	E	E	E																			
		Subida													E	E	E	E																				
		Balanço em apoio de mãos													E	E	E	E																				
		Pino de ombros													E	E	E	E																				
		Saída simples a frente e a retaguarda												E	E	E	E																					

- Capacidade de visualização imaginária dos movimentos.
- Atitude e postura adequada com a prática gímnica.
- Compreensão das diversas componentes críticas dos elementos gímnicos.
- Colabora na preparação, arrumação e preservação do material.
- Cooperação nas ajudas.
- Ajuda os colegas com sugestões que favoreçam a melhoria da prestação.

	Paralelas Assimétricas	Subida para banzo inferior											E	E	E	E		
		Passagem de uma perna												E	E	E		E
		Subida para o banzo superior												E	E	E		E
		Rolamento à frente												E	E	E		E
		Balanços e cambiada												E	E	E		E
	Saída de pés e mão												E	E	E	E		
	Barra Fixa	Subida de frente												E	E	E		E
		Volta a frente em apoio												E	E	E		E
		Balanço em apoio de mãos												E	E	E		E
		Cambiada												E	E	E		E
Saída de báscula													E	E	E	E		
Extensão e seqncia da matéria de ensino: Ginástica			Aulas Previstas													Competências Específicas		
			17	18	19	20	21	22										
Capacidades	Conteúdos psicossociais	Sociabilidade; Sentido de responsabilidade; Autonomia	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	CT	
	Coordenativas	Destreza Geral																
Habilidades Motoras	Condicionais	Resistência																
		Velocidade																
		Força																
		Flexibilidade																
	Solo	Rolamento à frente engrupado		AS														
		Rolamento à frente com pernas afastadas			AS													
		Rolamento à retaguarda engrupado			AS													
		Rolamento à retaguarda com pernas afastadas		AS														
		Rolamento à retaguarda encarpado		AS														
		Rolamento saltado		AS														
		Apoio invertido de cabeça		AS														
		Apoio facial invertido		AS														
		Roda			AS													
Rodada			X	X														
Avião/Vela/Sapo/Espargata/Ponte			AS															
Pirueta		AS																
Volta			AS															
Cavalo	Salto ao Eixo (transversal)	C				AS												
	Salto ao Eixo (longitudinal)	C				AS												
	Salto entre mãos (transversal)	C				AS												
	Salto entre mãos (longitudinal)	C																
Trave	Entrada a um p	C			AS													
	Marcha/deslocamentos	C			AS													
	Volta	C			AS													
	Saltos	C			AS													

- Capacidade de visualizao imaginária dos movimentos.
- Atitude e postura adequada com a prática gímnica.
- Compreensão das diversas componentes críticas dos elementos gímnicos.
- Colabora na preparao, arrumao e preservao do material.
- Cooperao nas ajudas.
- Ajuda os colegas com sugestões que favoreçam a melhoria da prestao.

		Avião	C		AS														
		Saída em salto com meia pirueta	C		AS														
		Saída em rodada	C		AS														
	Paralelas Simétricas	Subida	C		AS														
		Balanço em apoio de mãos	C		AS														
		Pino de ombros	C		AS														
		Saída simples a frente e a retaguarda	C		AS														
	Paralelas Assimétricas	Subida para banzo inferior	C		AS														
		Passagem de uma perna	C		AS														
		Subida para o banzo superior	C		AS														
		Rolamento à frente	C		AS														
		Balanços e cambiada	C		AS														
		Saída de pés e mão	C		AS														
	Barra Fixa	Subida de frente	C		AS														
		Volta a frente em apoio	C		AS														
		Balanço em apoio de mãos	C		AS														
		Cambiada	C		AS														
		Saída de báscula																	

Legenda:

AD	Avaliao Diagnóstica
T	Transmissão
E	Exercitao
C	Consolidao
AS	Avaliao sumativa
CT	Conteúdo Transversal
a)	Membros Inferiores; Membros Superiores; Tronco
x	Presente

Anexos 2

UNIDADE DIDÁTICA: Basquete**AULA Nº30****Professores:** Prof. Carlos Elavai Vieira; Francisco Pires/Fábio Sanches/Ana Esteves**Hora:** 5ª feira das 08e25h às 09e55h**Ano/Turma:** 11º PASOC**Nº Alunos:** 8 alunos**Data:** 03-03-2011**Espaço:** B1**OBJECTIVOS GERAIS:** Consolidação da aprendizagem de ferramentas técnicas básicas (diferentes tipos de drible e passe, e lançamento na passada) em situações de solicitação de comportamentos colectivos. As movimentações de desmarcação e a entreaajuda.

CONTEÚDOS	EXERCÍCIOS	ASPECTOS CRÍTICOS	T.P	T.T
	Parte Inicial			
<ul style="list-style-type: none"> Os diferentes tipos de drible (protecção, progressão, mudança de direcção); A posição de protecção; A adaptação a situações muito variáveis: a análise de contextos complexos e as acções adequadas, as emoções associadas à mudança constante; 	<p>Descrição: Os alunos, com uma bola cada, tentam num espaço reduzido manter a posse da mesma independentemente das condicionantes impostas e da variabilidade da situação.</p> <p>Objectivo: Predispor o organismo para as exigências da parte principal da aula em exercício de solicitações predominantemente de adaptação ao meio com relevância para a controlo da bola através dos diferentes tipos de drible.</p> <p>Estratégia: Todos os alunos dispõem-se livremente por um espaço reduzido pré-definido pelo Professor.</p> <p>Regras: Os alunos não poderão ultrapassar os limites estabelecidos com a bola controlada sob pena de serem prejudicados em um ponto; Terão de cumprir as condicionantes das diferentes variantes do exercício, que visam objectivos diferentes;</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> Os alunos escolhem um par a quem tirar a bola, realizando um confronto directo com esse adversário (drible de protecção); Quem perder o controlo da bola acumula um ponto negativo; (4') Os alunos escolhem um par de quem devem fugir para não ser tocados (drible de progressão); Quem for tocado acumula um ponto negativo e assume o papel contrário (apanha); (4') Os alunos dispõem-se livremente pelo espaço com objectivo de não perder o controlo da sua bola e de fazer com que os colegas percam o controlo da sua (drible de mudança de direcção); Quem perder o controlo da bola contínua o jogo sem a mesma mas a tentar fazer perder o controlo da bola dos elementos que ainda a possuem; (4') 	<ul style="list-style-type: none"> A realização das acções motoras de acordo com as componentes críticas influentes na qualidade e sucesso da acção; As diferentes ferramentas técnicas como meio para criar vantagens sobre o adversário e a influência das componentes críticas no sucesso dessas acções; A adaptação a situações variáveis: a rápida resposta motora consoante as diferentes necessidades e a vantagem que significa; As reacções emocionais básicas perante situações caracterizadas por mudanças constantes; 	16'	16'

	<ul style="list-style-type: none"> Os alunos escolhem um elemento a quem pretendem retirar a bola mas não o revelam a nenhum dos colegas; Só poderão fazer perder o controlo da bola ao elemento que escolheram; Vence o último aluno a perder a posse da bola; (4') <p>Material: Bolas de basquete.</p>			
	Parte Principal			
<ul style="list-style-type: none"> O passe de peito e passe picado; A posição de protecção; Os comportamentos colectivos: rápida circulação, desmarcações de apoio. 	<p>Explicação do exercício e dos seus objectivos principais, sugerindo critérios de sucesso.</p> <p>Descrição: Em espaço reduzido, duas equipas defrontam-se tentando atingir o objectivo específico do exercício limitado por algumas condicionantes.</p> <p>Objectivos: Consolidação e aplicação das diferentes ferramentas técnicas básicas em situações de solicitações colectivas, com ênfase no trabalho dos passes. Treinar a rápida circulação da bola como movimentação colectiva básica para ganhar vantagem temporal no jogo.</p> <p>Estratégia: Os alunos dividem-se em duas equipas e evoluem num espaço reduzido previamente estabelecido.</p> <p>Regras: O exercício será condicionado em relação às faltas como num jogo formal de basquete; Os alunos terão de respeitar as diferentes condicionantes das variantes para que consigam obter pontuação;</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> Só se poderão efectuar passes de peito, ou seja a bola não poderá tocar o solo; Os jogadores não poderão roubar a bola da mão uns dos outros nem deslocar-se com bola; Cada equipa que conseguir realizar 7 passes seguidos sem a bola ser interceptada obtém um ponto; (8') Semelhante à variante anterior, mas em que os jogadores em posse de bola têm de tentar não ser tocados por um adversário sob pena de perder a posse da bola; (4') As equipas poderão realizar passe de peito ou passe picado; Conseguem obter ponto se através de passe picado um dos jogadores atacantes colocar a bola num colega que se encontre para lá da linha lateral; Só poderão tentar pontuar a partir do momento que realizarem 3 passes seguidos sem a bola ser interceptada; Os jogadores sem a posse da bola não poderão sair dos limites do campo; Se uma equipa pontua numa linha lateral não poderá tentar pontuar nessa mesma linha até a bola ser novamente interceptada; (8') Semelhante à variante anterior, mas em que a zona de pontuação é dentro da linha de 3 pontos; (8') <p>Material: Bolas de basquete.</p>	<ul style="list-style-type: none"> A realização das acções motoras de acordo com as componentes críticas influentes na qualidade e sucesso da acção; As diferentes ferramentas técnicas como meio para criar vantagens sobre o adversário e a influência das componentes críticas no sucesso dessas acções; A importância das desmarcações de apoio como forma de dar continuidade ao jogo; A velocidade de desmarcação e decisão como forma de ganhar vantagem temporal; O aproveitamento dos espaços como estratégia colectiva; A entreajuda e a comunicação; 	28'	44'

<ul style="list-style-type: none"> • O drible de progressão e mudança de direcção; • O lançamento na passada; • A pressão da oposição; o trabalho da inferioridade/superioridade numérica; 	<p>Explicação do exercício e transmissão dos objectivos e critérios de sucesso na tarefa, com ênfase na abordagem aos comportamentos sob diferentes condições de pressão.</p> <p>Descrição: Num meio campo, cada um com um cesto, evoluem dois grupos de jogadores que consoante as variantes trabalham de diferentes formas os lançamentos na passada.</p> <p>Objectivos: Treino do lançamento na passada com diferentes níveis de complexidade e pressão.</p> <p>Estratégia: A turma é dividida em dois grupos que evoluem cada um em seu meio campo.</p> <p>Regras: Os jogadores terão de cumprir as normas estabelecidas pelas diferentes variantes para a concretização da tarefa;</p> <p>Variantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1 bola para cada 2 jogadores; Um jogador tem a posse de bola e vai tentar encestar através de lançamento na passada escolhendo a posição do seu colega que o vai perseguir; O perseguidor tenta impedir a concretização sem cometer falta; (8') • Jogarão 2x1, em que existe superioridade numérica para a equipa em posse da bola; Os jogadores poderão driblar ou passar mas apenas poderão concretizar através de lançamento na passada; O defensor tenta impedir que a jogada tenha sucesso; Quem lança ocupa o lugar do defensor e o defensor transporta a bola até ao ponto inicial do exercício; (8') <p>Material: Bolas de basquete.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A realização das acções motoras de acordo com as componentes críticas influentes na qualidade e sucesso da acção; • A velocidade de execução como critério para o sucesso no jogo; • As reacções emocionais a uma pressão de um opositor e a sua influência na acção motora; 	16'	60'
---	--	--	-----	-----

<ul style="list-style-type: none"> Os diferentes tipos de passe e drible; o lançamento na passada; a posição de protecção; Trabalho em equipa: a mobilidade e as desmarcações de apoio; A concretização de objectivos complexos em equipa; 	<p>Descrição: Num campo reduzido, com apenas um cesto, duas equipas defrontam-se tentando concretizar o objectivo do jogo de acordo com as condicionantes impostas.</p> <p>Objectivos: Aplicação das ferramentas motoras aprendidas em situações de jogo, com predominância de comportamentos colectivos.</p> <p>Estratégia: A turma é dividida em duas equipas que trabalham no mesmo espaço.</p> <p>Regras: O jogo será condicionado pelas regras normais do basquete; Os lançamentos na passada contarão 2 pontos, enquanto os lançamentos normais contam 1.</p> <p>Material: Bolas de basquete.</p>	<ul style="list-style-type: none"> A realização das acções motoras de acordo com as componentes críticas influentes na qualidade e sucesso da acção; A predominância dos comportamentos colectivos: a mobilidade e as desmarcações de apoio como forma de conseguir vantagens temporais; A importância das acções individuais dentro da estratégia colectiva (dribles de progressão e mudança de direcção para atingir o lançamento na passada); 	20'	80'
Parte Final				
	A aula acaba 10 minutos mais cedo para os alunos cuidarem da sua higiene.		10'	90'

Anexos 3

Tabela 1 - Possibilidades e ponderações da avaliação do Ensino Secundário

Critérios de Avaliação			Instrumentos de avaliação	Ponderação
Opção 1	Domínio cognitivo/motor	Conhece e domina as diversas técnicas corporais inerentes às unidades didáticas leccionadas.	Testes escritos	20%
			Testes práticos	60%
Opção 2		Conhece e domina as diversas técnicas corporais inerentes às unidades didáticas leccionadas.	Testes práticos	80%
Domínio Sócio Afectivo	Traz o material indispensável à aula		Fichas de observação	4%
	Realiza com empenho as tarefas propostas na aula			3%
	É assíduo			3%
	É pontual			3%
	Intervém oportunamente			3%
	Relaciona-se bem com os colegas e professor			4%
			Total	100%

Tabela 2 - Ponderações dos conteúdos incluídos no domínio motor



EDUCAÇÃO FÍSICA

CrITÉRIOS de Avaliação - 11º ano - Voleibol

CONTEÚDOS	ASPECTOS TÉCNICOS	COTAÇÃO	
Posição Base	Revela algumas dificuldades na definição da base de apoio, na flexão dos membros inferiores, na definição mais avançada de um, na pequena flexão do tronco, na retroversão da bacia e na disponibilização dos M. Superiores para a intervenção.	1.5	5
	Revela postura equilibrada e pré-dinâmica na definição da base de apoio, na flexão dos membros inferiores, na definição mais avançada de um em função do espaço de jogo/companheiros/adversários, na pequena flexão do tronco, na retroversão da bacia e na disponibilização dos M. Superiores para a intervenção.	3	
	Revela postura equilibrada e pré-dinâmica na definição da base de apoio, na flexão dos membros inferiores, na definição mais avançada de um em função do espaço de jogo/companheiros/adversários, na pequena flexão do tronco, na retroversão da bacia e na disponibilização dos M. Superiores para a intervenção na 2ª atitude, em situação de deslocamento, favorável a uma correcta relação entre: corpo; bola; gesto técnico adequado.	5	
Deslocamentos	Desloca-se à retaguarda, lateral e frontalmente, numa forma equilibrada, sem grandes oscilações do seu C. de Gravidade e sem frequentes cruzamentos dos seus membros inferiores.	1.5	5
	Desloca-se à retaguarda, lateral e frontalmente, numa forma equilibrada, sem oscilações do seu C. de Gravidade e sem cruzamento dos seus membros inferiores.	3	
	Desloca-se à retaguarda, lateral e frontalmente, numa forma equilibrada, sem oscilações do seu C. de Gravidade e sem cruzamento dos seus membros inferiores, com intensidade e volume adequados a um melhor aproveitamento das execuções com bola.	5	
Passe	Mantém a circulação da bola, fazendo as devoluções em passe, com algumas incorrecções na acção dos membros inferiores (flexão-extensão) e na definição do “triângulo” bem à frente dos olhos, revelando dificuldades na sinergia de movimentos e na orientação do corpo, em função da trajectória pretendida, em situação de ausência de deslocamento, numa sequência intervalada com outras acções.	7.5	15
	Mantém a circulação da bola, fazendo as devoluções em passe, de forma alta e suave, sem incorrecções na acção dos membros inferiores (flexão-extensão) e na definição do “triângulo”, revelando dificuldades na sinergia de movimentos e na orientação do corpo, em função da trajectória pretendida, em situação de deslocamento, numa sequência intervalada com outras acções.	11	

	(...) + situação dinâmica (deslocamento/P. base + passe) ou em sequência com outras acções, realizando com precisão, numa variabilidade de posições e de distâncias	15	
Manchete	Realiza a manchete, em solicitações de bola em plano inferior e com intensidade (ex. serviço/Remate) com algumas incorrecções na acção dos membros inferiores (flexão-extensão) e na extensão dos membros superiores, revelando dificuldades na orientação do corpo, em função da trajectória pretendida (passador).	7.5	15
	Realiza a manchete, em solicitações de bola em plano inferior e com intensidade (ex. serviço/Remate) com poucas/nenhumas incorrecções na acção dos membros inferiores (flexão-extensão) e na extensão dos membros superiores, orientando o corpo segundo a trajectória pretendida (passador) enviando-a alta e com suavidade.	11	
	(...) + situação dinâmica (deslocamento + manchete) ou em sequência com outras acções, realizando com precisão.	15	
Serviço	Executa o serviço em plano inferior com dificuldades, cumprindo com algumas componentes críticas mas revelando insegurança.	5	15
	Executa de acordo com as componentes críticas o serviço por baixo, enviando a bola numa trajectória rasante, criando dificuldades na sua recepção. Ou executa com algumas dificuldades o auto-passe possibilitando batimento no plano superior mas com necessidade de reposicionamento, orienta a projecção da bola para o meio campo adversário, com preocupações no posicionamento dos apoios, no papel activo dos dois membros superiores, executando o batimento com o braço flectido imprimindo à bola uma força de baixo para cima.	7.5	
	Realiza com alguma segurança, auto-passe possibilitando batimento no plano superior e projecta a bola para o meio campo adversário, contudo não cumpre com todas as componentes críticas do movimento.	10	
	Realiza com segurança e de forma harmoniosa, auto-passe possibilitando batimentos tensos no plano superior e projecta a bola para zonas vazias do meio campo adversário.	15	
Remate	Realiza com dificuldade o batimento, fazendo-o com descoordenação dos apoios e impulsão com um apoio, negligenciando o papel activo dos dois braços e executando uma “armação do braço” ineficaz.	7.5	15
	Realiza o movimento com alguma insegurança mas consegue realizar a flexão do pulso orientando a bola para o solo. Executa de forma coordenada a corrida de preparação para impulsão a dois apoios, com um movimento correcto do braço de batimento não esquecendo o importante papel do outro braço.	11	
	Realiza com segurança e de forma harmoniosa batimentos de ataque, fazendo-o com a mão acima do plano superior, com preocupações no posicionamento dos apoios, definindo a chamada a dois apoios de forma equilibrada no movimento de aproximação à rede e com papel activo dos dois membros superiores e criando dificuldades à sua recepção.	15	

Bloco individual	O aluno realiza o bloco individual bastante afastado da rede, movimentando-se para a sua aproximação, colocando as mãos juntas sem qualquer preocupação em ocupar a maior área possível.	1.5	5
	O aluno realiza o bloco aproximado da rede e coordenado com o momento de remate adversário, contudo não potencia o salto com o movimento dos braços mostrando preocupação em abrir bem as mãos para ocupar a maior área possível.	3	
	O aluno realiza o bloco aproximado da rede, conseguindo, se necessário, invadir o campo adversário, coordenando o tempo de salto com o momento de remate potenciando-o com a movimentação dos braços e revelando preocupação em bloquear a maior área possível	5	
Sistema tático 0:6:0 <i>(Jogo de 3 elementos)</i>	Em situação de jogo, revela algumas dificuldades para assumir a posição base nos locais devidos de acordo com as regras da rotação e em função do sistema de jogo, realizando acções que frequentemente não conseguem dar seguimento às acções de equipa, resultando numa situação não vantajosa.	12.5	25
	Em situação de jogo, assume sempre ou quase sempre a posição base nos locais devidos de acordo com as regras da rotação e em função do sistema de jogo, realizando acções que conseguem dar seguimentos às jogadas de equipa, contudo não revelam ser vantajosas para a equipa.	17.5	
	Em situação de jogo, assume sempre a posição base nos locais devidos de acordo com as regras da rotação e em função do sistema de jogo, realizando acções que conseguem dar seguimento às jogadas da equipa e que resultam em situações claramente vantajosas.	25	

Tabela 3 - Ponderação dos diferentes factores do domínio sócio-afectivo no Ensino Secundário

Ponderação na avaliação final: 20% - Turma C/D

Atributo	Ponderação		
Traz o material essencial para a aula	5%	Não traz o material em três aulas até um limite inferior de cinco aulas	1
		Não traz o material em três aulas, com ou sem justificação.	2,5
		Não traz o material em apenas uma aula não apresentando justificação para quando tal não acontece; Não traz o material em duas aulas apresentando a justificação para quando tal não acontece.	4
		Não traz o material apenas em uma aula, apresentando justificação para quando tal não acontece	5
Empenho	4%	Apresenta frequentemente alguma despreocupação em realizar correctamente as tarefas propostas, podendo mesmo aparentar algum desleixe, mas não perturbando os colegas.	1,5
		Aparenta por vezes alguma distração e pouca motivação na realização de algumas tarefas, no entanto é geralmente empenhado.	3
		Demonstra sempre empenho nas actividades realizadas durante a aula, esforçando-se para melhorar de acordo com indicações do Professor.	4
Assiduidade	3%	Faltou a três das aulas até um limite de cinco faltas.	1
		Faltou a uma das aulas não apresentando justificação para quando tal não acontece; Faltou a duas das aulas apresentando a justificação para quando tal não acontece.	2
		Faltou a uma das aulas, apresentando justificação para quando tal não acontece.	3
Pontualidade	3%	Não foi pontual desde quatro aulas a seis aulas.	1
		É pontual em 24 das aulas (2 faltas) não apresentando justificação para quando tal não acontece; Não foi pontual em três das aulas apresentando a justificação para quando tal não acontece.	2
		Não foi pontual em duas aulas, apresentando justificação para quando tal não acontece	3
Intervenção	1%	Intervém, muitas das vezes de forma descuidada e inoportuna, mas revelando algum conhecimento dos conteúdos.	0,7 5
		Intervém oportunamente, revelando conhecimento e curiosidade acerca dos conteúdos leccionados.	1
Relação com os colegas e professor	4%	Revela algum egoísmo e falta de sentido de cooperação exercendo algumas das vezes as tarefas de forma pouca motivada.	1
		Compreende a relevância da cooperação e do respeito como valores essenciais mas algumas vezes não o demonstra devidamente.	2
		Compreende a relevância da cooperação e do respeito como valores essenciais e demonstra-o sempre que lhe é solicitado.	3
		Respeita e coopera, sempre e devidamente, com os colegas e professor, demonstrando noção da importância das competências sociais.	4

Anexos
CAPITULO 2 - Seminário de Investigação
em Ciências do Desporto

Tabela 1 - Tabela das frequências relativas médias do factor "Batota"

BATOTA 8º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	48%	19%	18%	9%	5%
	68%			14%	
BATOTA 9º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	46%	24%	20%	9%	2%
	70%			10%	
BATOTA 10º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	40%	25%	23%	6%	6%
	65%			12%	
BATOTA 11º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	43%	22%	15%	16%	4%
	65%			20%	

Tabela 2 - Tabela das frequências relativas médias do factor "Anti-desportivismo"

ANTI-DESPORTIVISMO 8º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	40%	17%	21%	15%	7%
	56%			22%	
ANTI-DESPORTIVISMO 9º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	42%	24%	13%	9%	12%
	66%			21%	
ANTI-DESPORTIVISMO 10º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	36%	19%	22%	10%	12%
	55%			23%	
ANTI-DESPORTIVISMO 11º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	28%	19%	23%	17%	12%
	48%			29%	

Tabela 3 - Tabela das frequências relativas médias do factor “Convenção”

CONVENÇÃO 8º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	8%	9%	25%	21%	36%
	17%			58%	
CONVENÇÃO 9º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	2%	4%	23%	30%	42%
	6%			72%	
CONVENÇÃO 10º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	2%	2%	23%	24%	49%
	4%			73%	
CONVENÇÃO 11º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	5%	2%	23%	39%	31%
	7%			70%	

Tabela 4 – Tabela das frequências relativas médias do factor “Empenho”

EMPENHO 8º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	2%	3%	19%	20%	57%
	5%			77%	
EMPENHO 9º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	1%	1%	3%	38%	56%
	2%			95%	
EMPENHO 10º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	1%	1%	8%	34%	56%
	2%			90%	
EMPENHO 11º Ano					
	DT	D	N	C	CT
Médias	1%	1%	7%	33%	58%
	2%			91%	

Tabela 5 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Estatuto”

ESTATUTO 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	13%	27%	28%	16%	15%
	41%			31%	
ESTATUTO 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	17%	37%	27%	11%	9%
	53%			20%	
ESTATUTO 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	13%	34%	29%	13%	11%
	47%			24%	
ESTATUTO 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	17%	33%	30%	14%	7%
	49%			21%	

Tabela 6 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Emoções”

EMOÇÕES 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	3%	25%	46%	22%	3%
	28%			26%	
EMOÇÕES 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	18%	39%	28%	14%
	19%			42%	
EMOÇÕES 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	14%	37%	35%	14%
	15%			49%	
EMOÇÕES 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	2%	4%	42%	23%	28%
	7%			51%	

Tabela 7 - Tabela das frequências relativas médias do factor “Prazer”

PRAZER 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	2%	6%	44%	18%	31%
	8%			49%	
PRAZER 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	7%	26%	29%	37%
	8%			66%	
PRAZER 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	2%	7%	28%	25%	37%
	10%			62%	
PRAZER 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	4%	10%	24%	29%	34%
	13%			63%	

Tabela 8 - Tabela das frequências relativas médias do factor “Competição”

COMPETIÇÃO 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	4%	15%	42%	21%	17%
	20%			38%	
COMPETIÇÃO 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	4%	13%	34%	24%	23%
	18%			48%	
COMPETIÇÃO 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	2%	15%	32%	28%	23%
	17%			51%	
COMPETIÇÃO 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	4%	8%	38%	27%	23%
	12%			50%	

Tabela 9 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Forma Física”

FORMA FÍSICA 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	5%	32%	25%	37%
	6%			62%	
FORMA FÍSICA 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	0%	4%	23%	32%	41%
	4%			73%	
FORMA FÍSICA 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	0%	2%	20%	33%	45%
	2%			77%	
FORMA FÍSICA 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	1%	21%	34%	44%
	2%			78%	

Tabela 10 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Desenvolvimento Técnico”

DESENVOLVIMENTO TÉCNICO 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	3%	5%	36%	32%	24%
	8%			56%	
DESENVOLVIMENTO TÉCNICO 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	0%	2%	21%	36%	41%
	2%			77%	
DESENVOLVIMENTO TÉCNICO 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	2%	28%	33%	37%
	2%			70%	
DESENVOLVIMENTO TÉCNICO 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	3%	25%	44%	27%
	4%			70%	

Tabela 11 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Afiliação Geral”

AFILIAÇÃO GERAL 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	3%	10%	36%	26%	15%
	13%			42%	
AFILIAÇÃO GERAL 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	6%	8%	33%	30%	23%
	14%			53%	
AFILIAÇÃO GERAL 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	1%	8%	26%	33%	33%
	9%			65%	
AFILIAÇÃO GERAL 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	8%	9%	33%	27%	24%
	17%			50%	

Tabela 12 - Tabela das frequências relativas médias do factor “ Afiliação Específica”

AFILIAÇÃO ESPECÍFICA 8º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	3%	17%	33%	25%	22%
	21%			47%	
AFILIAÇÃO ESPECÍFICA 9º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	5%	9%	30%	29%	27%
	15%			56%	
AFILIAÇÃO ESPECÍFICA 10º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	5%	7%	23%	30%	35%
	12%			65%	
AFILIAÇÃO ESPECÍFICA 11º Ano					
	NI	PI	I	MI	TI
Médias	4%	12%	32%	24%	29%
	16%			52%	

Tabela 13 – Correlações entre os factores do QAD e os factores do QMAD

	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano	Média	Correlação
Batota - Estatuto	-0,19652	0,372796	0,271787	0,207	0,163766	0,2
Batota - Emoções	-0,2421	-0,49562	-0,56499	-0,73229	-0,50875	-0,5
Batota - Prazer	-0,59184	-0,93251	-0,82583	-0,91425	-0,81611	-0,8
Batota - Competição	-0,47485	-0,70741	-0,73158	-0,71165	-0,65637	-0,7
Batota - Forma Física	-0,79046	-0,92922	-0,90637	-0,82223	-0,86207	-0,9
Batota - Desenvolvimento Técnico	-0,67763	-0,91061	-0,86264	-0,6859	-0,7842	-0,8
Batota - Afiliação Geral	-0,57604	-0,69838	-0,91851	-0,72093	-0,72846	-0,7
Batota - Afiliação Específica	-0,77774	-0,8291	-0,90003	-0,8974	-0,85107	-0,9
Anti-Disp. - Estatuto	-0,20098	0,216922	0,0743	0,426819	0,129265	0,1
Anti-Disp. - Emoções	-0,13004	-0,76688	-0,58018	-0,36867	-0,46144	-0,5
Anti-Disp. - Prazer	-0,49029	-0,90964	-0,73219	-0,81643	-0,73714	-0,7
Anti-Disp. - Competição	-0,34496	-0,87951	-0,72722	-0,35412	-0,57645	-0,6
Anti-Disp. - Forma Física	-0,7069	-0,86727	-0,79368	-0,79065	-0,78963	-0,8
Anti-Disp. - Desenvolvimento Técnico	-0,5145	-0,84792	-0,75116	-0,57773	-0,67283	-0,7
Anti-Disp. - Afiliação Geral	-0,41235	-0,86158	-0,8427	-0,39657	-0,6283	-0,6
Anti-Disp. - Afiliação Específica	-0,66429	-0,92091	-0,79107	-0,61606	-0,74808	-0,7
Convenção - Estatuto	-0,10518	-0,65647	-0,47026	-0,57639	-0,45208	-0,5
Convenção - Emoções	0,017496	0,379115	0,315549	0,697779	0,352485	0,4
Convenção - Prazer	0,813032	0,980432	0,945923	0,923567	0,915738	0,9
Convenção - Competição	0,460952	0,695649	0,606774	0,743545	0,62673	0,6
Convenção - Forma Física	0,96776	0,99482	0,961536	0,932731	0,964212	1,0
Convenção - Desenvolvimento Técnico	0,730404	0,982508	0,903839	0,978384	0,898784	0,9
Convenção - Afiliação Geral	0,528377	0,755607	0,865051	0,820962	0,742499	0,7
Convenção - Afiliação Específica	0,634112	0,755607	0,93314	0,76672	0,772395	0,8
Empenho - Estatuto	-0,29313	-0,77841	-0,64107	-0,81174	-0,63109	-0,6
Empenho - Emoções	-0,2741	0,009073	0,19097	0,405802	0,082936	0,1
Empenho - Prazer	0,604089	0,809881	0,814025	0,857964	0,77149	0,8
Empenho - Competição	0,170976	0,327759	0,444076	0,347015	0,322457	0,3
Empenho - Forma Física	0,844178	0,885593	0,95391	0,347015	0,757674	0,8
Empenho - Desenvolvimento Técnico	0,504125	0,902992	0,833645	0,65825	0,724753	0,7
Empenho - Afiliação Geral	0,245898	0,438721	0,809459	0,451577	0,486414	0,5
Empenho - Afiliação Específica	0,395621	0,612742	0,893276	0,569178	0,617704	0,6